UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA

FRANCISCA DAS CHAGAS VIANA

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA (PIAUÍ): a importância da informação histórica para a construção de um legado

Juazeiro do Norte - CE
2017

FRANCISCA DAS CHAGAS VIANA

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA (PIAUÍ): a importância da informação histórica para a construção de um legado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, como requisito para a obtenção do título de Mestra.

Área de concentração: Biblioteconomia na sociedade contemporânea.

Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Memória.

Orientadora: Profa. Dra. Ariluci Goes Elliott.

Juazeiro do Norte – CE

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V614p Viana, Francisca das Chagas.

Preservação da memória da cidade de Paulistana (Piauí): a importância da informação histórica para a construção de um legado/ Francisca das Chagas Viana. – 2017.

117 f.: il., enc.

Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Cariri, Campus Juazeiro do Norte, 2017.

Orientação: Profª. Drª. Ariluci Goes Elliott.

1. Memória – Paulistana (PI). 2. Memória. Preservação. 3. Documentário. I. Elliott, Ariluci Goes. II. Título.

CDD: 363.69098122

Francisca das Chagas Viana - CRB 3/1107

FRANCISCA DAS CHAGAS VIANA

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA (PIAUÍ): a importância da informação histórica para a construção de um legado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, como requisito para a obtenção do título de Mestra.

Aprovada em: 08/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ariluci Goes Elliott
Orientadora
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Gracy Kelli Martins
Membro interno
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz
Membro externo
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Prof. Dr. Denysson Axel Ribeiro Mota
Membro Interno - Suplente
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Membro Externo – Suplente
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico essa dissertação a Deus que é meu escudo protetor em todos os momentos.

A minha mãe/guerreira Francisca da Silva Viana por seu amor incondicional e por ser minha fonte de inspiração; A minha “mãe de criação” Domingas Almeida Ribeiro (in memoriam); Ao meu irmão Mauro Rennio da Silva Viana por acreditar sempre no meu potencial; ao meu sobrinho Luís Henrique da Silva Alves por sua alegria e inocência que sempre trazem alento a meu coração.

AGRADECIMENTOS

O caminho foi árduo, mas a certeza da vitória guiou-me ao proposito final. Esse caminhar foi realizado sob a destra poderosa de Deus e de pessoas que acreditaram na pesquisa e no meu potencial em concretizá-la.

A minha família pela força e compreensão em meus momentos de ausência;

A minha orientadora professora Dra. Ariluci Goes Elliott pela confiança depositada em mim, pela paciência durante as correções e sugestões que engradeceram essa pesquisa;

À banca composta pela Dra. Gracy Kelli Martins e Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz por várias sugestões e contribuições que enriqueceram a pesquisa;

A minha irmã de "criação e de coração" Roméa Almeida Ribeiro pelas constantes orações e orientações não somente nessa caminhada, mas por toda a vida;

Aos amigos de mestrado Sindya Santos Melo, Rafael Gomes e Rafaelle Gleice por dividirem comigo as aflições e alegrias ao longo dessa jornada;

À Aline Fernandes de Mendonça, aluna do curso de Biblioteconomia por sua importante contribuição na produção do documentário sobre a cidade de Paulistana;

A todos os colegas, professores e à secretária Iza Leite, por contribuirem para a excelência do Mestrado em Biblioteconomia da UFCA;

Ao diretor Geral do IFPI - Campus Paulistana, o professor Francisco Washington Soares Gonçalves e a pedagoga a Sra. Raqueline Castro de Sousa pela compreensão quanto a liberação do trabalho para que eu pudesse assistir ás aulas do mestrado;

Às amigas Neuda Fernandes Dias e a Rosiane Carvalho pela colaboração quando necessitei ausentar-me da biblioteca para cursar as disciplinas do mestrado;

À Bibliotecária Franceli Mariano por sua amizade sincera e pela torcida;

Ao Jornalista e escritor Sr. Renato Luís Sapucaia Bandeira por importante contribuição com as doações de documentos que serviram para a construção do capítulo 4 - *Memória de Paulistana-PI:* caracterizando espaços e vivências - e que passaram a compor o acervo e por ter concedido entrevista para a produção do documentário;

Ao Coordenador do Sistema Pergamum – IFPI, Antonio Francisco da Silva Junior e à bibliotecária Sindya Santos Melo pelo auxílio durante as adaptações do Software da biblioteca que permitiram o processamento de fotografias no acervo**;**

À bibliotecária Ana Úrsula Farias Pereira pela contribuição no envio do Relatório da Biblioteca do Campus Paulista (2011) uma das fontes de informação usada durante a elaboração do capítulo 5 intitulado: *O Instituto Federal do Piauí (IFPI) – Campus Paulistana e sua contribuição para* a preservação da memória;

Aos senhores Demétrio José de Sousa e Renato Luís Sapucaia Bandeira e ás Srª. Davina Antonia da Conceição e Maria do Socorro Coelho por entrevistas concedidas para o documentário sobre Paulistana;

À senhora Osvaldiria Doréa Cavalcante e Maria do Socorro Coelho por terem autorizado a reprodução de fotografias do seu arquivo pessoal para a composição do acervo *Memórias de Paulistana*;

Ao Padre Otto Beckmann que na pessoa de Maria Acelina Batista que autorizou o nosso acesso às fotografias de seu arquivo pessoal:

Ao profissional Alvino Rodrigues pelas filmagens e gravações de 2 (duas) das 4 (quatro) entrevistas que compuseram o documentário sobre a cidade de Paulistana.

A memória é uma armadilha, pura e simples, que altera, e subtilmente reorganiza o passado, por forma a encaixar-se no presente.

Mario Vargas Liosa

RESUMO

A informação é dinâmica e ambienta-se em suportes informacionais que o homem utiliza para representar o conhecimento produzido. Quando organizada torna-se um elemento importante no processo de preservação da memória coletiva. A pesquisa justifica-se pela “escassez” de fontes de informação que retratam a história de Paulistana, cidade localizada no estado do Piauí a 460 km da capital Teresina e objetiva a preservação da memória da cidade. Para a concretização desse objetivo, alguns processos foram realizados como: levantamento de fontes de informação que retratassem a história local e organização do material coletado no Sistema de Automação da Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus Paulistana (Piauí). De acordo com os procedimentos metodológicos a pesquisa caracterizou-se como de natureza Aplicada. Durante a elaboração desse processo foram trabalhadas a pesquisa bibliográfica para a construção de um quadro teórico e a pesquisa de cunho documental se fez presente, logo, foram usados documentos institucionais e de arquivo pessoais. Destacou-se o viés qualitativo da pesquisa. Quanto aos objetivos trabalhou-se com o método descritivo e a metodologia da história oral que proporcionou o uso do instrumento de coleta de dados entrevista semiestruturadas, diretivas, com apoio de gravações e filmagens, que apresentaram uma média de 03 questões adaptadas para cada entrevistado. A amostra foi feita com 3 (três) idosos moradores da cidade e com o escritor do Livro *Fragmentos históricos de Paulistana - Piauí (1991)* - Renato Luís Sapucaia Bandeira. Ao final fora produzido um documentário construído com bases nesses relatos orais e fotografias da cidade. Essa mídia faz parte do *Acervo Memórias de Paulistana* composto também por: 2 livros e 19 fotografias da cidade. A pesquisa viabiliza dessa forma a preservação da memória, o acesso à informação e contribui para a ampliação do quadro teórico sobre a história de Paulistana-PI.

Palavras-chave: Memória. Preservação. Memória de Paulistana - PI. Documentário

ABSTRACT

The information is dynamic and is based on informational supports that man uses to represent the knowledge produced. When organized in guard institutions it appears as an important element for the preservation of collective memory. The present research is justified by the "scarcity" of information sources that portray the history of Paulistana - a city located in the state of Piauí 460 km from the capital Teresina. It aims to preserve this memory through the organization of a collection entitled Memórias de Paulistana. In order to examine this historical formation some processes were carried out as: survey of information sources that portrayed the local history, organization of the material collected in the Library Automation System of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí - IFPI, Campus Paulistana (Piauí) and the production of a documentary based on photographs collected in the field and oral narratives. According to the methodological procedures the research is of an Applied nature. During the elaboration of this process the bibliographical research for the construction of a theoretical framework was worked and the documentary research became present, therefore, institutional and personal archival documents were used. The qualitative bias of the research was highlighted. Regarding the objectives, the characteristics of the descriptive and exploratory methods were inherent to this research. The historical character of the methodology of oral history provided the use of recordings of the speeches through the use of data collection instrument semi-structured interviews and directives that presented an average of 03 questions adapted for each interviewee. The sample was made with 3 (three) elderly residents of the city and with the writer of the Historical Fragments Book of Paulistana - Piauí (1991) - Renato Luís Sapucaia Bandeira. In the end it had produced a documentary constructed with bases in these oral reports and photographs of the city. This media is part of the *Acervo Memórias de Paulistana* composed also by: 2 books and 19 photographs of the city.The research aims to contribute to the preservation of the memory of the city, providing access to information and contributing to the expansion of the theoretical framework on the history of Paulistana-PI.

Keywords: Memory. Preservation. Memory of Paulista(PI). Documentary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1	Retrato falado de Valério Coelho Rodrigues	45
Fotografia 2	Igreja Matriz Nossa Senhora dos Humildes	47
Fotografia 3	Paulistana (PI) em 1957	48
Fotografia 4	Apresentação do Reisado	50
Fotografia 5	Construção do Açude Ingazeira em 1957	51
Fotografia 6	Pôr do sol no Açude Ingazeiras	51
Fotografia 7	Açude Ingazeiras	52
Fotografia 8	A estação de Paulistana em 1956	53
Fotografia 9	O maltratado prédio da Estação de Paulistana	53
Fotografia 10	Quiosques de Paulistana – BR 407	55
Fotografia 11	Quiosques Paulistana,- BR 407	55
Fotografia 12	Rádio Ingazeiras	57
Fotografia 13	Paulistana em Dia de Feira	57
Fotografia 14	Forró na Feira da Rádio Ingazeiras	58
Fotografia 15	Missa - Festejos de Nossa Senhora dos Humildes	59
Fotografia 16	Quermesse - Festejos de Nossa Senhora dos Humildes	59
Fotografia 17	Exposição agropecuária de Paulistana	60
Fotografia 18	Cavalgada e missa do vaqueiro	60
Fotografia 19	Paulistana em meados do século XX	62
Fotografia 20	Paulistana vista do alto – BR 407	62
Fotografia 21	Praça Valério Coelho	63
Fotografia 22	Área Central do IFPI - Campus Paulistana	71
Fotografia 23	Biblioteca IFPI - Campus Paulistana	72
Figura 1	03 itens catalogados no Acervo Memórias de Paulistana	73
Figura 2	05 itens catalogados no Acervo Memórias de Paulistana	74

Figura 3 05 itens catalogados no acervo Memórias de Paulistana 74

Figura 4 05 itens catalogados no Acervo Memórias de Paulistana 75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET (PI)	Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí
COMUT	Programa de Comutação Bibliográfica
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra Seca
DETRAN	Departamento de Transito do Piauí
DVD	Digital Vídeo Disc
ETFPI	Escola Técnica Federal do Piauí
IBGE	Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística
IFPI	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação de Paulistana
UFCA	Universidade Federal do Cariri

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO .....**	**16**
2	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....**	**20**
3	**CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA .....**	**26**
3.1	O PAPEL DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	30
3.1.1	Memória e cultura	31
3.1.2	Memória e identidade: uma abordagem a cerca dessa relação	32
3.2	A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL PARA A RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA	33
3.2.1	Memórias de homens-livros e mulheres-livros	36
4	**MEMÓRIAS DE PAULISTANA – PI: caracterizando espaços e vivências .....**	**42**
4.1	PAULISTANA PI: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA COLETIVA	46
5	**O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI) - CAMPUS PAULISTANA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA .....**	**65**
6	**DOCUMENTÁRIO: a história contada a partir de vozes e imagens .....**	**76**
6.1	UM DOCUMENTÁRIO PARA A CIDADE DE PAULISTANA (PI)	79
7	**CONSIDERAÇÕES FINAIS …….....**	**84**
	**REFERÊNCIAS …..... **	**87**
	APÊNDICE A - Termo de doação de livros - Renato Luís Bandeira .	94
	APÊNDICE B - Cont. da lista de itens doados pelo Sr. Renato Luís Bandeira	95
	APÊNDICE C - Cont. da lista de itens doados pelo Sr. Renato Luís Bandeira	96
	APÊNDICE D - Termo de Livre Consentimento Esclarecido da Srª Davina Antonia da Conceição	97

APÊNDICE E - Termo de Livre Consentimento Esclarecido - Sr. Demétrio José de Sousa 98
APÊNDICE F - Roteiro de entrevista - Srª Davina Antonia da Conceição 99
APÊNDICE G - Roteiro de entrevista - Sr. Demétrio José de Sousa 100
APÊNDICE H - Roteiro de visitas realizadas na residência do Pe. Otto Beckmann 101
APÊNDICE I - Termo de doação e/ou autorização para uso de documentos - Pe. Otto Beckmann 102
APÊNDICE J - Termo de doação e/ou autorização para uso de documentos Srª. Osvaldiria Doréa Cavalcante 103
APÊNDICE L - Roteiro de visitas realizadas na residência da Srª. Maria do Socorro Coelho 104
APÊNDICE M - Termo de livre Consentimento Esclarecido – Srª. Maria do Socorro Coelho 105
APÊNDICE N - Roteiro de entrevista – Mara do Socorro Coelho 106
APÊNDICE O - Termo de Livre Consentimento Esclarecido - Renato Luís Bandeira 107
APÊNDICE P - Roteiro de entrevista - Renato Luís Bandeira 108
APÊNDICE Q - Termo de doação e/ou autorização para reprodução de documentos - Renato Luís Bandeira 109
APÊNDICE R - Termo de doação e/ou autorização para reprodução de documentos – Rainilson Cosme da Silva Feitosa 110
APÊNDICE S - Ofício de apresentação 111
APÊNDICE T - Solicitação de autorização 112
APENDICE U - Texto da pesquisadora para o documentário 113

ANEXO A - Relatório das escolas Públicas de Paulistana 115
ANEXO B - Manuscrito da Visita Episcopal (18/08/1888) 116
ANEXO C - Relatório do Sistema Pergamum – itens cadastrados no *Acervo Memórias de Paulistana* 117

1 INTRODUÇÃO

> A informação registrada atua como instrumento basilar na salvaguarda da memória, pois a fixação em material perene possibilita a preservação de práticas/hábitos/fatos de uma comunidade, mesmo após a sua existência física. Além do mais, a informação surge como matéria prima indispensável no processo de (re) atualização da memória. (OLIVEIRA, 2013, p. 15)

Apresentamos a pesquisa compreendendo que a formação histórica humana tem muito de uma memória particular em contato com a informação e a experiência adquiridas ao longo da vida. A permanência do sujeito em um lugar ou a sua vivência em diferentes espaços proporcionam o "costurar" de suas memórias.

A necessidade de conhecer a história da cidade de Paulistana surgiu dias após chegarmos à cidade para assumirmos o cargo de Bibliotecária-Documentalista no dia 24 de novembro de 2014 na Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI).

A cidade que agora nos abrigava tinha ares de cidade pequena, um misto de filha das terras Piauienses e certo parentesco com a cidade de Petrolina[1]. Essa proximidade territorial permitiu aos Paulistanenses certa familiaridade com o sotaque e a culinária pernambucana.

Com o passar dos dias e após algumas conversas com alunos e servidores do IFPI - Campus Paulistana tivemos a curiosidade de perguntar sobre a história, a cultura local e sobre a existência de Bibliotecas locais. Descobrimos que existia uma Biblioteca Pública Municipal na cidade que ficava localizada no centro da cidade em um prédio de estrutura ainda tímida. Sobre o histórico da cidade, o nome de Valério Coelho[2] era citado, mas ainda pairava a falta de clareza sobre o conhecimento dos fatos. Também se falava de um livro onde essa história teria sido registrada, mas não se sabia o título nem o nome do autor.

---

[1]Cidade vizinha localizado no estado de Pernambuco e distante de Paulistana apenas 190 km.

[2]Ver biografia no capítulo 4 Memórias de Paulistana – Piauí: caracterizando espaços e vivências, p. 45.

O desconhecimento sobre a formação histórica de Paulistana permaneceu por um tempo, mas o desejo de investigar essa memória manteve-se latente. No início do ano de 2016 quando foi lançado o edital do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará – UFCA, Campus Juazeiro, submetemos o projeto com o título *de A preservação da memória de Paulistana: a importância da informação na construção de um legado*. O anteprojeto foi aprovado na linha de pesquisa Informação, cultura e memória.

Essas inquietações nos permitiram visitar a Biblioteca Pública Municipal localizada no Centro da cidade. Identificamos no local apenas a cópia do livro *Fragmentos históricos de Paulistana - Piauí* (1991) de autoria do senhor Renato Luís Sapucaia Bandeira[3], a primeira leitura dessa obra nos ajudou a entender um pouco do processo de formação histórico e cultural da cidade. Buscamos contato com o autor para que pudéssemos obter doação do livro, assim os meios de comunicação usados inicialmente foram a rede social facebook e a troca de e-mails.

Entre as doações de Renato Luís Sapucaia Bandeira, recebemos 1(um) exemplar do livro *Famílias ilustres–Paulistana–Piauí: nascidos 1889-1931*. Infelizmente, não foi possível a doação do livro *Fragmentos históricos de Paulistana-Piauí*, pois o escritor não possuía mais exemplares. No entanto, nos enviou uma cópia do seu original, 3 fotografias e 2 documentos de arquivo.

Acompanhado desses acontecimentos vieram também algumas preocupações: com a preservação da memória da cidade; a consciência de que havia uma lacuna na produção teórica sobre aquela história; e o fato da biblioteca pública não atuar como "guardiã" dessa memória.

[3]Renato Luís Sapucaia Bandeira, nascido em Salvador em 06/09/1950, Jornalista (DRT/BA2083) e escritor. Sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Presidente da Academia de Letras e Artes da Chapada Diamantina. Membro da Ordem Estadual Valério Coelho Rodrigues (Piauí) e da Academia de Letras e Artes de Salvador – ALAS. Presidente do Instituto Renato Bandeira – Pesquisa, Preservação e Memória – IRB. (BANDEIRA, 2015, p.207).

Nesse momento havia uma mistura de sentimentos, de um lado a moradora recém-chegada e ávida por informações e de outro a bibliotecária preocupada com o acesso à informação e à memória da cidade. Alguns caminhos mostraram-se claros naquele momento, era necessário reunir informações sobre a história da cidade e organizá-la com fins de preservação e recuperação por qualquer pessoa.

A partir desse momento guiamos nossas inquietações para a seguinte pergunta: *De que maneira a informação histórica pode contribuir para a preservação da memória da cidade de Paulistana?.*

Enquanto bibliotecária entendemos que a informação organizada e acessível pode atender a várias demandas e pode contribuir para o desenvolvimento social, econômico e político de uma comunidade. Outra possibilidade é o de que a informação contribui para a preservação da memória coletiva.

Para a concretização dessa proposta desenvolvemos como objetivo geral: Organizar um acervo com fontes de informação sobre Paulistana – Piauí, visando contribuir com o processo de preservação da memória da cidade.

A partir desse, foram estruturados os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar fontes de informação que retratassem a memória da cidade de Paulistana a fim de organizá-las para posterior recuperação;

b) Trabalhar a oralidade junto a alguns moradores idosos da cidade, pois até aquele momento tínhamos apenas a cópia de um livro em mãos e toda uma história a ser contada.

c) Descobrir elementos dessa memória considerando as lembranças desses idosos baseadas nas falas dos seus pais e avós;

d) Contribuir com a memória da cidade produzindo um documentário, caracterizado pela reunião de fotografias e entrevistas.

O quadro de escassez de fontes de informação, a necessidade de preservação e acesso à memória fortalecem o papel da Biblioteca do IFPI - Campus Paulistana de “guardiã” dessa memória e os documentos nela organizados estabelecem-se como fontes para pesquisas posteriores.

Ao findarmos essas questões, estabelecemos o seguinte quadro estrutural para o trabalho de dissertação:

O capítulo 1, intitulado de *Introdução* apresenta o problema, os objetivos, a hipótese e a justificativa para o estudo.

No capítulo 2, *Proposta Metodológica* a pesquisa trata dos métodos científicos usados e os autores utilizados para o embasamento teórico. A proposta de organização do acervo baseada em fotografias, livros e documentos de arquivo foi dividida com a produção do documentário e reforçada por entrevistas.

A sequência traz o capítulo 3 com o título *Considerações sobre memória* que desdobra-se em temáticas como: memória e informação, Memória- cultura, memória e identidade, história oral, homens e mulheres-livros. Autores como Bosi (2003); Halbwachs (1990); Le Goff (1990) são elencados na construção teórica desse momento do trabalho.

O capítulo 4 trata sobre a *Memória de Paulistana – Piauí: caracterizando espaços e vivências* apresenta um *Resumo biográfico de Valério Coelho Rodrigues (considerado responsável pelo povoamento da cidade)* e apresenta dentro de um contexto histórico, o lugar que de curral de gado transformou-se em cidade.

O capítulo 5 com a denominação de O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) – Campus Paulistana: organizando a informação para preservar a memória, discorre sobre o conceito de organização da informação e sua relação com a preservação da memória, faz um apanhado histórico do IFPI, do Campus Paulistana e da sua biblioteca.

Documentário: a história contada por vozes e imagens, faz parte da estruturação do capítulo *6.* Destacam-se o roteiro e estrutura do documentário produzido sobre memória da cidade de Paulistana (PI), esse tópico encontra-se fundamentado em abordagens teóricas como a tratada na obra *Introdução ao documentário (2005)* de Bill Nichols e *Roteiro de Documentário*: da pré-produção à pós-produção (2012) de Sergio Puccini.

Para finalizar o capítulo 7, apresenta as *Considerações finais*, momento em que construímos um quadro dos principais achados da pesquisa posicionando-nos diante das perspectivas alcançadas, das lacunas deixadas e encontradas pela pesquisa.

Espera-se com esse trabalho e os produtos resultantes dele atenuar um pouco a lacuna teórica sobre a historiografia da cidade de Paulistana e contribuir para a preservação da memória da cidade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A estruturação da pesquisa baseou-se em fontes de informação que retrataram a formação histórica e cultural da cidade, sendo a *Pesquisa Bibliográfica* inerente ao trabalho em todas as fases.

Considerando os caminhos percorridos e quanto aos objetivos, a Pesquisa caracterizou-se como *Descritiva*. Essa metodologia, de acordo com Cervo; Bervian; Silva (2007, p. 62)

> Observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com os outros, sua natureza e suas características. Tem como o propósito de descrever e comparar usos e costumes, tendências, diferenças e outras características.

Além do caráter descritivo, a pesquisa apresenta aspectos metodológicos que a posicionam como *Pesquisa de cunho Documental*. De fato, os documentos coletados em campo forneceram matéria prima essencial tanto para organização do acervo na biblioteca quanto para a produção do documentário. Essa metodologia nas palavras de Gil (2010, p. 30) “vale-se de toda sorte de documentos com características mais inerentes a arquivos pessoais e documentos institucionais, dos mais variados tipos”.

Todo esse processo proporcionou resultados práticos para pesquisa, o que a configura como *Pesquisa Aplicada,* que de acordo com Gil (2010) “proporciona aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação em uma situação específica”.

Considerado a perspectiva histórica da pesquisa e a importante papel que os relatos orais desempenharam para a recomposição de fatos históricos e espaços, apresentou-se o eixo metodológico na perspectiva da oralidade que contribuiu tanto para a construção de referencial teórico quanto para a pesquisa de campo. A perspectiva da oralidade para a pesquisa baseou-se no que nós percebemos como sobre construção histórica oficial e não oficial. Dessa forma fizemos uso das seguintes concepções:

> Questionar a documentação histórica sobre as lacunas interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos e do silencio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos. Le Goff (1996 apud CASTELO BRANCO, 2008, p. 47)

Obedecendo a trajetória desenhada em campo, estabelecemos uma linha divisória do caminho metodológico adotado, dessa forma, dividimos a pesquisa em fases para melhor compreensão do leitor.

***Primeira fase:* Pesquisa para elaboração do referencial teórico**

*C*aracterizada pelo levantamento de materiais de referências (livros, artigos científicos, dissertações, teses, entrevistas, documentários) que serviram como aporte teórico para a reflexão sobre a relação Memória e Informação. Nesse espaço também foram desenvolvidas temáticas como: o Histórico de Paulistana, histórico do IFPI, do Campus Paulistana e da Biblioteca do IFPI – Campus Paulistana, sobre a Organização da informação na biblioteca além de autores que versavam sobre o tema Documentário.

***Segunda fase:* Pesquisa de campo**

Iniciamos visitas com o objetivo de conhecer pessoas que pudessem ajudar-nos com doação de documentos e/ou concedendo-nos entrevistas. A primeira delas foi ao escritor Renato Luís Sapucaia Bandeira quando esteve em Paulistana no dia 04/02/2017. A visita seguinte possibilitou a doação do exemplar do livro *Famílias ilustres Paulistana – Piauí: nascidos 1889-1931* e a cópia do livro *Fragmentos históricos de Paulistana- Piauí (livro esgotado).* (Ver Termo de Doação em Apêndice A). O autor também fez outras doações de sua autoria à biblioteca (Apêndices B e C). Permanecemos em contato com o escritor com o objetivo de marcamos uma entrevista para a produção do documentário sobre Paulistana.

Deslocamo-nos para a Igreja Nossa Senhora dos Humildes (Igreja Matriz localizada no Bairro da Correnteza) em busca de conversarmos com o pároco no dia 20/06/2017, no entanto, só foi possível localizá-lo no Centro Social onde apresentarmos a pesquisa. O Padre José Pio Feitosa Marinho citou o nome do religioso Otto Beckman, relatando-nos a atuação do mesmo junto à comunidade negra de Paulistana. Dessa luta resultou a criação de um clube para que os negros pudessem ter um espaço de lazer.

> O clube dos negros era chamado de *Blackman Club* mais conhecido como *Redondinho*. A construção era uma palhoça redonda, ainda tinha um mastro no meio da comieria. Dançávamos rodando, principalmente as marchinhas de carnaval. E o Clube dos Brancos chamava-se *Clube Recreativo* (Informação verbal)[4]

Ainda foram citados por ele o nome de 2 (dois) moradores idosos conhecedores da região e que poderiam contribuir com a pesquisa o Seu Demétrio e Dona Davina (como são conhecidos). A visita à Igreja de Nossa Senhora dos Humildes no dia 20/06/2017 permitiu-nos o contato com a Srª. Marta Vânia Ferreira de Amorim que nos apresentou à filha de D. Davina para intermediar nosso primeiro contato com a mãe. Ela também nos direcionou para residência do seu Demétrio.

Foram realizadas 2 visitas a Seu Demétrio e à D. Davina, a primeira delas no dia 23/06/2017 onde apresentamos a pesquisa e solicitamos a colaboração deles, a conversa sempre foi acompanhada pelas filhas responsáveis por cada um dos idosos. A segunda visita ocorreu dia 13/07/207 quando então agendamos a data da entrevista e em 25/08/2017 entregamos o Termo de Livre Consentimento Esclarecido para que fosse assinado autorizando a entrevista (Ver Apêndices D e E) e as entrevistas aconteceram na mesma data (Ver Apêndices F e G).

As visitas ao Padre Otto Beckman foram realizadas na presença da senhora Maria Acelina Batista, sua responsável, pois o padre já idoso apresenta lapsos de memória, o que nos impossibilitou de entrevistá-lo, no entanto, alguns de seus registros fotográficos contribuíram para a produção do documentário e organização do acervo *Memórias de Paulistana.* O roteiro de visitas e o Termo de Autorização para reprodução de documentos encontram-se em Apêndices H e I.

Outra experiência em campo nos proporcionou conhecer a Sr. Osvaldiria Doréa Cavalcante, esposa de ex-prefeito e, também, citada em nossas andanças pelo Bairro da Correnteza. A primeira visita a essa senhora ocorreu em 09/09/2017 quando apresentamos a pesquisa, na data de 17/10/2017 verificamos álbuns de fotografias de seu arquivo particular, selecionamos essas fotografias e documentamos todo o processo de acordo com o Apêndice J.

[4] Informação repassada para a pesquisadora pela Srª Marta Coelho, moradora da cidade de Paulistana em novembro de 2017.

Em visita à Secretaria Municipal de Educação de Paulistana (SEMEC) no dia 30/10/ 2017 a servidora Raqueline Reis nos atendeu, nós apresentamos a pesquisa e solicitamos dados atuais das escolas da cidade de Paulistana. Esses dados nos foram fornecidos mediante e-mail institucional e constam no Anexo A.

Nessa mesma data, outra servidora da SEMEC, a senhora Marta Coelho indicou-nos a residência da Srª. Socorro Coelho, moradora de Paulistana e atuante na educação, ela teria um acervo fotográfico que poderia nos interessar. Nossas visitas estão descritas em roteiro (Apêndice L), Termo de Livre consentimento para realização de entrevista (Apêndice M) e Realização de entrevista com roteiro (ver Apêndice N). As contribuições da moradora para a pesquisa ocorreram por meio da autorização para a reprodução de fotos do seu arquivo pessoal.

Na data de 20/11/2017 visitamos o Arquivo Público da cidade de Teresina e as servidoras Tatiana de A. Rodrigues e Maria de Jesus Nunes Silva nos mostraram os catálogos da biblioteca e os arquivos de manuscritos da cidade de Paulistana. Nossa pesquisa teve como base principal os seguintes documentos: Resolução Provincial de nº 1.1367, de 20-7-1885; Decreto Estadual de 28 de dezembro 1889, Decreto estadual nº 147 de 15-12-1938 que elevou a Vila Paulista a categoria de cidade e documentos de registro da Igreja Matriz. Apenas um documento fora coletado nesse acervo (Anexo B).

A última entrevista foi realizada com Renato Luís Bandeira, o termo de Livre Esclarecimento consentido por ele assinado encontra-se em Apêndice O e o roteiro da entrevista encontra-se em Apêndice P. Na mesma data o escritor fez novas doações de documentos para o Acervo *Memórias de Paulistana*, foram 2 manuscritos originais, 29 certidões, 2 fotografias, todos materiais referentes à Vila Paulista e a atual Paulistana. (Ver Apêndice Q).

Realizamos visitas às instituições públicas da cidade como a Prefeitura da cidade de Paulistana e a Câmara de Vereadores no dia 16/11/2017. Durante essas visitas não obtivemos êxito na coleta de materiais, não identificamos espaços próprios para esse tipo de organização, no entanto alguns contatos telefônicos nos foram repassados, como os dos Senhores Chagas Feitosa e Davi Feitosa, para consultas documentais posteriores.

Em 6 de dezembro de 2017, o contato com o Sr. Rainilson Cosme da Silva Feitosa Sampaio resultou na doação do livro Fragmentos históricos de Paulistana: Piauí (ver Apêndice R).

É importante ressaltar que todas as visitas realizadas para coleta de documentos e entrevistas realizadas ocorreram mediante apresentação de documentos que embasavam a pesquisa como: Oficio de apresentação (Apêndice S) e Solicitação de Autorização (Apêndice T).

O rigor metodológico aplicado durante essa etapa da pesquisa permitiu uma melhor organização das fases descritas a seguir.

Terceira fase: análise de documentos e organização do acervo

Essa fase caracterizou-se por análise documental e processamento de fotografias e livros para a composição do Acervo *Memórias de Paulistana* no software da biblioteca. Esse acervo constitui-se em um legado para a cidade estando disponível para pesquisa na Biblioteca do IFPI – Campus Paulistana, no catálogo da biblioteca. Posteriormente, solicitaremos a divulgação do mesmo no site da Prefeitura Municipal de Paulistana e na SEMEC de Paulistana.

O mecanismo de análise e processamento das fotografias foram os seguintes: Seleção das imagens localizadas nos arquivos pessoais que melhor representassem espaços e comemorações da cidade; posteriormente essas imagens foram reproduzidas por meio de nova fotografia, para então serem catalogadas no Sistema Pergamum[5] armazenadas no acervo como pertencendo a uma coleção *Memórias de Paulistana*. Os dois livros recebidos por doação, também foram cadastrados nesse software e organizados no Acervo *Memórias de Paulistana.*

Quarta fase: Produção do documentário

Considerando a dispersão documental em torno dos registros de memória na cidade, entendemos que o aspecto quantitativo apresentou-se como metodologia secundária, destacando-se o *Método Qualitativo* da pesquisa. Isso porque o objetivo foi o de compreender o papel da informação histórica em relação a preservação da memória da cidade. Para essa produção, as fotografias apresentaram-se como fontes essenciais para o registro dessa memória e ao lado delas destacaram as entrevistas.

[5]Sistema Integrado de Bibliotecas, que gerencia as atividades das bibliotecas do IFPI. O Software tem sua sede localizada na Pontifícia Universidade Católica do Paraná na cidade de Curitiba.

Sobre essa abordagem, Oliveira (2007, p. 37) explica que trata-se de “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

A literatura sobre documentário e história oral tornou-se fonte importante para a produção do Documentário sobre a cidade de Paulistana que foi registrado em Digital Vídeo Disc (DVD) com duração de 39 minutos e 37 segundos. O material foi produzido pela pesquisadora e sua orientadora em parceria com Aline Fernandes de Mendonça, aluna do IV Semestre do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFCA. Essa mídia também é parte do Acervo Memórias de Paulistana.

Para a estruturação do documentário foram trabalhados como instrumento de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas contendo a 1 pergunta objetiva comum a todos os entrevistados (identificação) e as demais questões variando entre 2 e 3 perguntas que se valeram do saber histórico e vivência local de cada entrevistado.

A amostra foi realizada com 3 (três) idosos moradores da cidade e com o autor do livro *Fragmentos históricos de Paulistana Piauí***,** o senhor Renato Luís Bandeira. Essa amostra baseou-se em informações de moradores que os apontaram como importantes para esse processo de rememoração de fatos sobre a cidade.

Sobre a entrevista, Severino esclarece que “[...] as questões são estabelecidas previamente, bem diretivas de forma que possa obter respostas do universo do sujeito de forma mais simples de categorização” (SEVERINO, 2007, p. 125**).**

A adoção desse modelo estruturado não engessou a entrevista visto que pretendia apenas que o foco principal não se perdesse durante o processo, pois os entrevistados puderam expressar e rememorar espaços e fatos ocorridos de acordo com sua capacidade de recordar.

Encerra-se uma etapa essencial da pesquisa e na sequencia inicia-se outra, a que destaca memória enquanto conceito essencial para a discussão histórica que se propõe o capítulo 3 e suas seções.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA

As concepções iniciais sobre memória apontam para algo que parece esquecido, mas que em determinado momento pode vir à tona e fazer parte da reconstituição do vivido**.** Todos os indivíduos são constituídos de memórias particulares que em algum momento podem misturar-se a memória de outras pessoas e passam a compor o que chamamos de memória coletiva.

Halbwachs (1990) destaca que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo e que o estado de consciência individual auxilia a nossa lembrança. Para ele a unidade coletiva é resultado de referências que temos de nossas relações individualmente, mas que foram internalizadas a partir de nossas relações com grupos que interagimos como: família, escola, trabalho.

O objetivo dessa discussão não é desenvolver um trabalho com foco nos aspectos neurológicos e psíquicos da memória, mas uma abordagem social da memória e sua relação com os sujeitos e vice versa.

Inicialmente teremos como base a pesquisa de Elliott (2010, p.34) que cita o posicionamento de (OLIVEIRA; AZEVEDO NETO, 2007) a respeito do conceito de memória, da seguinte maneira: “[...] memória pode ser entendida como conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, detém experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto”.

Nossa proposta é negar a memória enquanto um ente estático e esquecido no passado, nós acreditamos na dinamicidade e possibilidade de “atualização” que a envolve. Essa concepção encontra reforço nos estudos de Nora (1993, p. 9) sobre esse tema quando ressalta que:

> É vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Podemos considerar que a memória de um sujeito atua seletivamente, logo, o cérebro humano tem a missão de armazenar muita informação ao longo dos anos, diante disso, ocorreria então uma espécie de processamento a partir dos interesses do sujeito, da relevância das lembranças e da necessidade de rememorar.

A descrição de memória em Elliott (2010, p.32) destaca aspectos interessantes desse fenômeno:

> A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; não se apropria a detalhes que a conforta; ela se alimenta de lembranças vagas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções; instala a lembrança no sagrado, liberta, e a torna sempre comum; emerge de um grupo que ela une.

Partindo dessa ideia usamos o aporte teórico de Halbawachs (1990) quando explica o aspecto plural, coletivo e individualizado da memória e ao mesmo, quando ressalta o poder do outro sujeito no processo de evocação da memória, em um jogo de negação da memória individualizada.

O caráter dinâmico da memória e determinadas divisões temporais são citados em Monteiro; Carelli; Pickler (2008). Elas destacam a existência de três tipos de memória: a oral, a escrita e a digital. *Memória oral* seria a advinda das sociedades consideradas orais que surgiram antes da escrita. A *Memória escrita* segundo as autoras relaciona-se ao aparecimento da escrita e sua disponibilização; e a *Memória digital* faz uso de computadores, internet em um ciberespaço.

A perspectiva sobre memória propõe estabelecer um vínculo entre ela e o ato de lembrar e esquecer. O uso desses termos conjuntamente parece contraditório e nos remete ao sentido de oposição.

O estudo sobre memória revela uma história dinâmica que confunde-se com a história da humanidade. As técnicas utilizadas para a transmissão e guarda da memória foram sendo modificados com o passar do tempo. Desde a antiguidade clássica a memória era tratada como elemento fundante das relações sociais, pois permitia à rememoração do passado à luz do presente. Segundo a origem mítica, Mnemósine é a genitora das musas, juntamente com Zeus [...]. Oliveira (2013, p. 38).

Esse aspecto do homem que guardava e contava a história do seu povo é ressaltado quando:

> Destaca que as sociedades consideradas orais são aquelas que surgiram antes da invenção da escrita, em que todo conhecimento era transmitido oralmente aos indivíduos por meio de narrações, ritos e mitos. A memória e a tradição de um povo eram inscritas e preservadas nas mentes dos integrantes, chamados homens-livros, do grupo e repassadas por gerações. Para preservar a memória, ritos e mitos eram repetidos quase intocados, pelas rodas das gerações. Nada era transmitido sem que fosse observado, escutado, repetido, imitado e atuado pelas próprias pessoas ou pela comunidade como

> um todo. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER 2008, p. 6)

Observa-se que o poder de memorização e transferência de conhecimento de um guardião ou pessoa mais velha perdurou por muito tempo, de certo não deve ter se extinguido, pois ainda há comunidades orais ao redor do mundo, que hoje talvez se expressem com menos reflexo.

Algumas questões como a invenção da escrita e o surgimento da imprensa chegaram para “modificar” esse processo de preservação baseado na história oral. De acordo com Elliott (2010, p. 31)

> A “memória escrita” mantém estreita relação com o aparecimento da escrita, o conhecimento tornava-se disponível, consultável, comparável, deixando de ser apenas aquilo que é útil no dia-a-dia para ser um objeto capaz de análise e exame. Com a imprensa, a quantidade de informações registradas aumentou consideravelmente, favorecendo a criação dos arquivos, bibliotecas e museus.

Não é possível desvendar esse capítulo da história a partir de concepções simples e utilizando um pensamento linear, é necessário mergulhar um pouco mais nos escritos para interpretar a passagem da memória narrada para a memória registrada. Essa mudança pode ter sido muito mais brusca do que nossa imaginação pode alcançar.

Referência interessante dessa passagem é feita por Monteiro; Carelli; Pickler (2008, p.7)

> Com o advento da escrita, os fatos poderiam ser registrados em suporte, não mais cabendo à memória humana a exclusiva função de reter e preservar informações. O eterno retorno da oralidade foi substituído pelas longas perspectivas da história. Nesse contexto, a memória separa-se do sujeito ou da comunidade tomada como um todo, tornando-se objetiva, morta, impessoal e separando o conhecimento da identidade pessoal ou coletiva. [...] o saber torna-se disponível, estocado, consultável, comparável, deixando de ser apenas aquilo que é útil no dia-a-dia para ser um objeto suscetível de análise e exame.

A divisão da memória em fases ocorre apenas para situar-nos historicamente, não cabe a nós interpretarmos um ou outro momento como mais importante, cada um revela-se essencial para essa construção historiográfica. Também as leituras e os teóricos trabalhados não nos permitem isso.

Negligenciamos um pouco essa sequência histórica para aportamos na

descrição de Le Goff (1990, p. 228) quando faz referência aos suportes da informação usados em períodos antigos da história, como: as tentativas sobre osso, estofo, pele, utilizados na Rússia Antiga; as folhas de palmeira, na Índia; a carapaça de tartaruga na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel. Seriam uma espécie de ferramentas de registros da memória de determinados povos.

Outro momento importante é o que diz respeito a criação das instituições-memoria como os: arquivos, bibliotecas, museus, criadas pelos reis principalmente no século VII A.C e tinham como referência a célebre Biblioteca de Assurbanipal em Nínive. Não são esquecidas de seu relato na época helenística, a brilhante Biblioteca de Pergamo e a célebre Biblioteca de Alexandria e o famoso Museu Criação de Ptolomeu. (LE GOFF, 1990).

Esse mesmo autor apresenta a memória na Idade Média e o cristianismo difundido como religião e ideologia dominante. Entre os traços mais característicos dessa memória, Le Goff (1990) apresenta sua cristianização, seu caráter coletivo dividindo espaço social com uma memória litúrgica, o desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos e a memória no espaço educacional buscando ainda uma articulação entre o oral e o escrito.

O surgimento da imprensa modificou a forma de acesso e uso do conhecimento embora não o tenha tornado universal e igualitário. Mesmo diante do aumento no número de exemplares de livros, a biblioteca continuou a ser um espaço para poucos.

O Renascimento ou Renascença (entre os séculos XIV e XVII) e a Revolução Francesa (século XVIII) são tratados como períodos benéficos para a ciência e no contexto da memória Le Goff (1990, p. 243) faz a seguinte explanação:

> A memória dos mortos declina e os túmulos, incluindo os dos reis, tornam-se muito simples. Mas imediatamente em seguida à Revolução Francesa, assiste-se a um retorno da memória dos mortos na França, como nos outros países da Europa. A grande época dos cemitérios começa, com novos tipos de monumentos, inscrições funerárias e rito da visita ao cemitério. O túmulo separado da igreja voltou a ser centro de lembrança.

Os séculos XX e XXI trouxeram para o mundo grandes acontecimentos como Segunda Guerra Mundial e o advento da internet, esse último evento acabou por acelerar o processo de disseminação da informação no mundo. Estamos diante de uma memória que usa de artifícios externos para sua propagação.

> Na sociedade digital, as relações com o tempo e o espaço modificam-se substancialmente. Não se trata mais do tempo linear da História. O tempo da sociedade digital é o tempo real, o agora, o imediato. O ritmo de produção e disponibilização de dados e informações no ciberespaço é extremamente acelerado e, por esse motivo, talvez, a preservação não seja tão fundamental, já que novos conhecimentos estão disponíveis a cada dia. (Monteiro; Carelli; Pickler, 2008, p. 10)

O que ocorre na atualidade é um número gigantesco de informações circulando e que trazem uma modificação na configuração da preservação. Os suportes modificam-se rapidamente e as pessoas precisam adaptar suas memórias, e resguardar-se de lapsos na memória coletiva.

Ao final dessa etapa e analisando o trabalho desenvolvido até aqui, retomamos o poder de memorização na antiguidade. Existe por parte da pesquisadora, certa preocupação acerca de possível perda de fatos memorialísticos importantes também no período em que a memória era baseada somente em narrativas orais. Outra observação faz considerações sobre memória oficial, o pensamento universal registrado que em muito partiu do discurso de quem estava no poder em determinados períodos da história.

3.1 O PAPEL DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Consideramos que há uma retroalimentação da memória por meio da informação. A informação organizada em instituições de guarda surge como elemento importante para a preservação da memória coletiva. O que na antiguidade era passível de armazenamento na memória de anciãos ou de homens-livros, na contemporaneidade passa a ser disseminado para um grande número de pessoas por meio da escrita em livros, periódicos científicos e pela internet, por exemplo.

Nossa perspectiva de compreender a relação entre informação e memória encontra reforço teórico nas afirmações de Costa (1997, p. 17) quando ressalta que:

> O conceito de informação, se relacionado ao fenômeno da memória, pode ser entendido como estímulos, impressões que integram o quadro mais geral das lembranças que compõem o acervo de experiências dos indivíduos. Uma memória é produzida e reproduzida nos registros que integram diferentes arquivos. São informações fragmentadas que podem, a qualquer tempo, de de acordo com o seu grau de organização e de recuperação, ser utilizada como elemento de identificação contra ou a favor do

> indivíduo. Tudo dependerá de como será capaz de lidar com o passado, a memória e o tempo.

A partir dessas considerações entendemos que a informação oferece matéria-prima para a construção da memória.

A informação é dinâmica e ambienta-se em suportes informacionais que o homem utiliza para representar o conhecimento produzido. É necessário, portanto que exista um sentido, um valor ao que é percebido como informação.

Azevedo Netto (2007, p. 5) aborda o tema informação e segundo ele “Como artefato, a informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação”.

3.1.1 Memória e cultura

A cultura pode ser considerada como elemento constituinte da memória e acompanham os sujeitos durante toda sua vida. Não existem sociedades sem cultura, o que existe são povos com culturas diferentes, com costumes e hábitos particularizados.

Santos (2012, p. 7) apresenta-nos cultura como sendo:

> Uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. Descreve as duas concepções básicas de cultura: a primeira preocupada com todos os aspectos de uma realidade social. “Assim, cultura diz respeito a tudo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” ou então de grupos no interior de uma sociedade. No segundo caso, a referência é feita mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social.

Entendendo assim, a cultura apresenta uma dimensão coletiva e dinâmica. É fruto de vivências socializadas nos agrupamentos humanos, é resultado de histórias múltiplas. Podemos considerar, então, que há dentro de uma cultura maior um conjunto de várias culturas.

O entendimento sobre cultura demanda um estudo para compreensão do seu processo histórico. Apontar um ou outro conceito nesse caso é apenas para demonstrar que há formulações científicas organizadas a respeito e que ela apresenta um conceito complexo ou um conjunto de conceitos.

Laraia (1986, p.25) faz um apanhado histórico do conceito de cultura em sua

obra, mas para o momento interessa-nos uma compreensão breve do termo:

> O termo *Kultur* era usado no final do século XVIII para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, e a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor no vocabulário inglês *Culture*, que no sentido etnográfico é esse complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

O enfoque sobre esse tipo de estudo permite um entendimento da memória e seus laços com a cultura. O posicionamento é viável porque de acordo com Barros (1999, p. 34) "[...] a memória pode ser definida como um hábito, ou seja, como um mecanismo motor e cultural, cotidianamente presente na vida de indivíduos e grupos". A partir disso, entendemos que essa relação favorece a construção de referência teórica, tanto para cultura, quanto para a memória.

3.1.2 Memória e identidade: uma abordagem acerca dessa relação

As transformações sociais, políticas e culturais ocorridas no mundo ao longo dos anos têm ocasionado muitas mudanças no modo de viver e nas relações das pessoas. A globalização, o *boom* informacional, o acesso à internet e as redes sociais, por exemplo, tem proporcionado uma maior interação entre culturas de povos diferentes o que pode ter ocasionado uma atualização nos processos identitários. As identidades não se perderam ou esses elementos a tornaram mais rica, apenas os espaços foram encurtados e algumas barreiras derrubadas.

Esse processo de "atualização" da identidade ocorrido em determinados períodos encontra-se descrito por Hall **(**2014, p. 10). A primeira fala sugere uma concepção humana que considera o sujeito do iluminismo como:

> Um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou "idêntico" a ele – ao longo da existência do indivíduo.

O que teríamos com o passar dos anos e com a complexidade do mundo moderno é um sujeito sociológico. De acordo com Hall (2014, p. 11) "esse núcleo

interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava”.

O conceito de identidade assim como o de memória e cultura, também é um conceito complexo. Outras informações interessantes dizem respeito à identidade como processo, considerando uma espécie de mobilidade, elas são apontadas por Hall (2014) quando destaca um sujeito pós-moderno sem identidade fixa e permanente, mas que transforma-se continuamente de acordo com os sistemas culturais.

A questão da identidade atrelada à memória dá-se na medida em que essa atua como fonte onde se edificam aquela. Cada indivíduo recebe informações dos grupos com os quais se relaciona e habita várias comunidades com identidades diferentes.

Do nosso ponto de vista e partindo das perspectivas teóricas apresentadas acerca das noções de identidade e de memória, é possível concebermos essa relação como profícua, Souza (2014, p.111) enfatiza que diante disso:

> Diante disso, é inegável o papel modelador da memória em relação à identidade, pois o que é objeto de rememoração, a forma como é rememorado e o significado atribuído ao passado, no presente determina o modo como a identidade será reconstruída, reafirmada. Isto é, a memória promove uma revisão autocrítica que interfere na maneira como o indivíduo se percebe, como se mostra aos demais e como se deixa perceber, ou seja, a memória influencia na forma de identificação do sujeito.

Somos sujeitos identitários por natureza. Pertencemos a um grupo familiar, nosso cotidiano está impregnado de lembranças e recordações que fortalecem nossa relação com esse grupo. Passamos a nos identificar como membro de determinada família, nascidos em determinada cidade e país, estudante de determinada escola ou universidade.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL PARA A RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA

O interesse em reconstituir uma história com base em relatos orais não parte de uma tentativa de descontruir a história pautada em documentos oficiais ou memória social. Busca-se uma nova visão dessa história, algo baseado na expectativa dos

atores que também fazem parte desse espaço e que não tiveram voz no mundo onde o escrito e aceito como verdade.

De fato, como metodologia, essa perspectiva pode encontrar dificuldades durante seu percurso, pois ela necessita refazer caminhos, rememorar. O sujeito de outrora, também, é sujeito de um tempo presente recheado de lembranças e novas experiências.

Quanto à importância desse mecanismo de recuperação do vivido pelos sujeitos para uma construção coletiva, temos a contribuição importante de Thompson (1992, p. 17):

> [...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

Alguns aspectos da contribuição da história oral no processo de rememoração de fatos históricos podem ser observados: de fato é um ente especificamente humano; é um processo de construção mental que trabalha a presença do passado e conta com estímulos que ajudam na seleção e mesmo em seu contexto individual, conta com interferências coletivas.

A pesquisa sobre essa temática aponta para uma abordagem de fatos que marcaram essa história. A base para o apanhado histórico sobre história oral foi realizada a partir da obra de Matos e Senna (2011, p. 99) e seus aportes teóricos:

> A história, segundo Philippe Joutard, a partir do século XVII constituiu-se cientificamente, em oposição à tradição oral. A reintrodução da história oral acontece no decorrer do século XX, mais especificamente nos Estados Unidos, quando grupos de historiadores constituíram suas próprias instituições, lançaram revistas e realizaram vários seminários. Esse método se desenvolveu mais amplamente a partir do advento do gravador, ainda nos anos de 1950, nos Estados Unidos, e logo se difundiu pela Europa [...]

Na exposição teórica que segue podemos verificar que a narrativa oral passou por dificuldades para estabelecer-se no campo de pesquisa científica, de certa forma imagina-se determinada oposição entre ela e a história.

> Na Itália, já em fins dos anos 60, os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferraoti, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento, mas

> sim como “outra história”. Essa nova forma de pensar surgiu em meio aos conflitos e movimentos de feministas e sindicalistas de 1968. Pregava-se o “não-conformismo sistemático”, isto é, uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas a partir do escrito. Entretanto, na Espanha a pesquisa com fonte oral foi empregada por poucas pessoas. Apenas, Mercedes Vilanova se destacou por trabalhar sozinha nessa área na Universidade de Barcelona. (Matos; Senna, 2011, p. 98)

Essa história permeada de lutas surge para que pudesse haver um “ajustamento” entre a história escrita (oficial) e a história narrada. Matos; Senna (2011) descrevem melhor esse contexto relatando dois momentos importantes para os historiadores orais: um ocorrido em 1975, em São Francisco e o outro em 1976, em Bolonha; além de reuniões internacionais na década de 1980 e acontecimentos mundiais como a queda do Muro de Berlim, esses movimentos de certa forma impulsionaram a exploração de fontes orais.

Ainda no eixo da complexidade histórica da oralidade, verificamos aspectos inerentes a uma divisão. Philippe Joutard, citado por Matos; Senna (2011, p. 99) esclarece que “Desde o início dividiram a história oral, uma próxima das ciências políticas, voltada para as elites e os notáveis, outra interessada nas populações sem história, situada na fronteira da antropologia”.

Com base nos relatos apresentados, observamos aspectos dessa história que podem revelar certo *tendencionismo.* A discussão mais acirrada sobre o posicionamento da história oral como metodologia é recente e sugere de um lado o desenvolvimento da área e do outro uma espécie de *discriminação metodológica* dentro do contexto da pesquisa. Algumas fragilidades e aspectos positivos dessa metodologia são relatados por Alessandro Portelli (2006) apud Matos; Senna (2011, p. 101):

> As fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõecomo primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época.

Mesmo diante da imprecisão da história oral defendida por algumas teorias, há que se reconhecer a importância dela na concepção memorialística de um povo. A fonte oral ao lado de documentos oficiais pode contribuir como fontes de pesquisa em

estudos históricos.

Acreditamos que o trabalho com os registros documentais e com os relatos orais é essencial. O cuidado com o tratamento das fontes documentais e a imparcialidade pretendida ao pesquisador surgem como um diferencial no resultado final.

3.2.1 Memórias de homens-livros e mulheres-livros

Iniciamos o texto com indagações importantes para esclarecer o porquê da escolha dessa abordagem. Quem seriam esses homens-livros e mulheres-livros? Qual a importância desses sujeitos para a preservação da memória de um povo?

Como resposta, faremos uso de algumas teorias que tratam sobre o papel da oralidade e dos guardiões da memória, aliadas ao olhar da pesquisadora, objetivam desenhar um breve quadro de compreensão da temática uma vez que um maior entendimento só poderá ocorrer mediante estudos aprofundados.

Nossa base teórica inicial apoia-se em Le Goff (1990, p. 372) quando descreve que “No percurso da oralidade a memória coletiva dos povos sem escrita fora fundamentada na existência de famílias, mitos de origem e etnias”. Historicamente, não é possível estudar memória sem passar pelo caminho da transmissão de saberes por meio da narrativa.

Reforçamos a passagem que trata do saber construído antes do uso da escrita destacando o uso do falar e do ouvir como padrão no modo de transmissão do saber oral e que esse tipo de relação ajudava a manter a identidade desses povos. Podemos identificar pessoas responsáveis pela transmissão de saberes uma espécie de guardiões da memória. Le Goff (1990, p. 371) ao citar Balandier [1974] e Leroi-Gourhan [1964] apresenta-nos características desses indivíduos:

> Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: "genealogistas", guardiões dos códices reais, historiadores da corte, "tradicionalistas", dos quais Balandier [1974] diz que são "a memória da sociedade" e que são simultaneamente os depositários da história "objetiva" e da história "ideológica", para retomar o vocabulário de Nadel. Mas também "chefes de família idosos, bardos, sacerdotes", segundo a lista de Leroi-Gourhan que reconhece a esses personagens "na humanidade tradicional, o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo" [1964-65].

Uma expressão bastante forte desse tipo de tradição é a do povo *Griot,* outras

comunidades devem existir principalmente em sociedades africanas e indígenas, no entanto, para esse momento cabe a apresentação dessa população. (O QUE..., 2014)

> O termo Griô é universalizante, porque ele é um abrasileiramento do termo Griot, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra "Creole", ou seja, Crioulo a língua geral dos negros na diáspora africana. Foi uma recriação do termo gritadores, reinventado pelos portugueses quando viam os griôs gritando em praça pública. Foi utilizado pelos estudantes afrodescendentes que estudavam na língua francesa para sintetizar milhares de definições que abarca. O termo griô tem origem nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todas as histórias, os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país.

Seriam eles, então, uma espécie de porta-vozes da história em regiões onde a oralidade não sucumbiu à invenção da escrita. Essas pessoas ocupam-se em transmitir o conhecimento por meio da contação de histórias de seu povo para seu povo e visam com isso preservar a memória. Um desses sábios da tradição oral é Sotigui Kouyaté. Podemos encontrar uma biografia após sua morte em (HOMENAGEM... 2010):

> Nasceu em Maliem 1936 e faleceu em abril de 2010. Mais conhecido talvez como "ator" em nosso "Ocidente" por seu celebrado trabalho em cinema e teatro, tendo colaborado entre outros com Bernardo Bertoluchi e Peter Brook. Grande estudioso da tradição poética oral trabalhava encenação e performance. Além do termo *griot*, recebeu também a denominação de *poeta oral ou ainda "homem da palavra".*

O testemunho de Sotigui (2006) faz parte do documentário *Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil*, sua fala nos dá sinal da importância dos homens e mulheres-livro para a preservação da memória da África.

> **Eu sou um "griot" antes de qualquer coisa** e o "griot" é a memória do Continente Africano, da parte da África que eu mencionei, é sua biblioteca e é, também, o guardião das tradições e dos costumes, encarregado da organização de todas as cerimônias. Ninguém se torna "griot", nasce-se "griot". È de pai para filho. Mas há também as "griotes", as mulheres, muito poderosas. Quando elas estão, aí os homens se calam. (grifo nosso).

Percebemos que há um significado maior em ser um *griot*, antes de ser qualquer outra coisa, é algo muito próximo da questão da identidade do sujeito e da apropriação dele enquanto mediador entre a palavra, a história e o povo daquele lugar.

No Brasil temos notícia de um grupo que se interessa por esse tipo de trabalho. A rede ***Ação Griot*** tem como objetivo a preservação da memória e da história dos povos da África valorizando os saberes orais produzidos tradicionalmente. Suas conquistas são resultado da pós-mobilização de seus participantes. A abordagem sobre pontos da história de sua criação, dados estatísticos relacionados ao público envolvido e projetos desenvolvidos de acordo com o documento abaixo:

> Nasceu em 2006 como projeto criado e proposto pelo Ponto de Cultura **Grãos de Luz e Griô**, da Bahia, ao programa Cultura Viva da Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura. A **Ação Griô** é uma rede em gestão compartilhada coordenada por 7 pontos de cultura e o Minc, que envolveu 130 projetos pedagógicos de diálogo entre a tradição oral e a educação formal**,** mais de 700 griôs e mestres bolsistas de tradição oral do Brasil, 600 pontos de cultura, escolas, universidades e outras entidades de educação e cultura e 130 mil estudantes de escolas públicas. (HISTÓRICO... 2014)

A mobilização e a conscientização dos participantes de um grupo fortalecem a luta dos que acreditam em um ideal e sempre resulta em ganhos mesmo que pequenos para uma comunidade. Quando esse coletivo luta pelo direito de reconhecimento da tradição oral como manifestação de saber ele trilha o caminho da apropriação de sua própria história.

Como resultados desse movimento surgiu em 2008 a *Rede Ação Griô* que realizou encontros com representantes das tradições orais criando a *Comissão Nacional dos Griôs e Mestres*. Essa Comissão ficou responsável pela criação do projeto de Lei 1786/2011 que buscava a aprovação da ***Lei Griô Nacional***. Depois de várias conferências e mobilizações pelo Brasil, finalmente a Lei dos Mestres Griôs foi aprovada em 12 de novembro de 2014. Seu objetivo é o da Proteção e fomento à transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral em diálogo com a educação formal, para promover o fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro. (HISTÓRICO... 2014).

O testemunho oral seja de homens e mulheres-livros, ou de entidades que se organizam para fins de preservação da memória atestam o contraponto com os documentos oficiais que possivelmente recebem maior atenção pela literatura e por aqueles que foram apresentados como pensadores da “totalidade”, os que detêm o poder e impõem suas ideologias, os que determinaram o que seria escrito nos livros e ensinado nas escolas.

A oficialização da história nem sempre é fruto das falas de quem vivenciou

determinados fatos, a exemplo dos esquecidos da história (mulheres, idosos, índios, negros). Se não há garantias quanto à veracidade dos fatos apontados pelos que fizeram uso da oralidade para discorrer sobre fatos históricos, também não podemos garantir que a história oficial configura-se em verdade absoluta.

Em citação aos idosos como memória que revive o passado, Bosi (2003, p. 15) em seu livro ***O tempo vivo da memória****: ensaios de psicologia social* ressalta a importância de se ouvir o velho quando da compreensão de cultura local:

> A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe transmissão de valores, de conteúdo, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Cotidianamente os adultos encontram-se absorvidos pelas tarefas diárias, pela correria entre suas atividades laborais e a vida pessoal. A vida “produtiva” do adulto não o permite divagar sobre o que passou ao passo que o idoso, presenteia- se com a observação do tempo e das lembranças. Esse recordar para o idoso pode ser muito prazeroso.

O tratamento dado à evocação do tempo pela memória do idoso é apontado em uma perspectiva talvez mais dinâmica e com mais entusiasmo. As justificativas para tais ações são apontadas por Bosi (1994, p. 60):

> O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisa-las, ele interroga outros velhos, compulsa seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo e que se lembra de quando não cuida de fixa-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, mas dai não se segue que esteja em condições de evocar mais lembranças desse passado do que quando era adulto, nem, sobretudo, que imagens antigas, sepultadas no inconsciente desde sua infância, ‘recobrem a força de transpor o limiar da consciência’ só então.

As afirmações em torno da importância dos homens e mulheres-livro é um campo fértil a ser discutido. Dessa forma usamos o enunciado de Jardim (2004, p. 42) quando ressalta que em premissas antropológicas defendidas por Wagner (1981) a história oral seria:

> Uma ferramenta muito mais direta e verdadeira do que documentos escritos, onde a possibilidade de invenção se amplia enormemente. Mesmo sabendo que Wagner não quer refletir sobre questões de

> veracidade dos julgamentos e das análises feitas por antropólogos não podemos deixar de pensar que no caso da história oral, a possibilidade de se obter relatos mais autênticos é maior.

A teoria de Prins (1992**,** p. 163) fornece esclarecimentos positivos no que se refere à importância da história oral. Ele observa no início do trabalho que "a maior parte dos historiadores profissionais – em geral são bastante céticos quanto ao valor das fontes orais na reconstrução do passado. [...] essa fragilidade implícita das fontes orais é considerada universal e irreparável [...]".

Haveria entre os "guardadores da memória", o testemunho surgido por meio da experiência dele ou de seus antepassados. Exageros e lapsos podem fazer parte dos relatos, porém, nossa concepção é a de que essas vozes podem ajudar na construção da memória de um povo ao lado das vozes oficiais.

Em Bosi (2003) é possível refletir sobre outros aspectos interessantes do testemunho oral. Não imaginamos essa fala como crítica, mas com o propósito de chamar atenção para o cuidado necessário com paixões que podem fazer cegar pesquisador e admiradores da narrativa oral. Diz ela que nem sempre o testemunho oral é mais autêntico que a versão oficial.

Ela segue a linha de pensamento em sequência quando diz que "A memória oral também tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade. [...]" (BOSI, 2003, p. 18). Essas passagens nos ajudam a olhar a oralidade com um olhar de responsabilidade e cuidado, sabendo que a memória se atualiza e/ou sofre influências externas.

Reafirmamos que a narrativa oral não está aquém dos escritos. Shikida (2005, p. 19) traz uma informação importar a esse respeito quando diz que "[...] A oralidade contribui para 'documentar' o mundo, suas mensagens, e suas experiências de vivências através de narrativas repetidas e mnemonicamente apreendidas [...]".

A quem é dada a missão de memorizar e perpetuar a história também é dada a alegria de sentir-se útil no meio da comunidade. Com essa introdução apresentamos outra possibilidade de guardiã da memória, Cacique Pequena[6] primeira mulher Cacique do Ceará, filha do Município de Aquiraz, que se descobriu diante do desafio de chefiar uma tribo após falecimento do seu cacique.

---

[6]Maria de Lourdes da Conceição Alves é o nome de batismo, mas todo mundo a tem como Pequena. O apelido ganhou da mãe, ainda na infância. Nasceu em 25 de março de 1945, na região do Riacho Saco do Marisco, no município de Aquiraz, localizado a 32,3 km de Fortaleza. Pequena é filha da tribo Jenipapo-Kanindé, onde criou os 16 filhos. É a primeira mulher cacique do Ceará de que se tem registro. Ela diz ser também pioneira no Brasil. Assumiu a tribo em 6de março de 1995. (CACIQUE ... 2016)

Não foi escolha sua a incumbência de cuidar dos sonhos e necessidades de uma comunidade indígena, no entanto, a comunidade necessitava de um representante e, por isso, foi apontada para tal missão.

A citação que segue demonstra melhor nossa fala:

> Eu posso dizer hoje que eu tenho um computador de histórias na cabeça, certo, porque tudo que eu ouvia dizer eu guardava e encaixava como se fosse um arquivo, é como se eu estivesse arquivando toda história que eles me diziam, que eles conversavam como povo. (LAMPARINA... 2013)

Alguns trechos da entrevista de Cacique pequena nos chama a atenção para a dificuldade de uma comunidade perder um guardião da memória.

> O cacique que tinha convivido com nós muito tempo morreu tava (sic) com dois anos. O Pai-Tupã tinha levado. Ele não ensinou como a gente fazia para ser cacique. Não passou nada para nós; nem para mim nem para os outros. O cacique tinha uma doença mortal, ele foi embora de uma hora para outra. A aldeia passou três anos solta, mas o pessoal sempre reclamou que devia ter uma pessoa para viver como líder aqui. (CACIQUE... 2016).

Ele não havia ensinado ninguém a ser cacique e ao ser levado por tupã, provavelmente tenha levado consigo ensinamentos valiosos, histórias dos antepassados, costumes. Embora tenha durante sua vida narrado para seu povo muitos fatos, é provável que alguma coisa da memória da tribo tenha se perdido juntamente com sua partida.

Memorizar fatos e narrá-los não é tarefa fácil. É necessário provocar no ouvinte a sensação de encantamento e de credulidade. O “homem da palavra” pode apresentar anseios e emoções ao fazer uso da lembrança para a composição de uma nova memória.

Hermans (1996) apud Caixeta (2006, p. 27) aponta-nos características da memória enquanto atividade de lembrança. Ela constitui-se “Numa resolução de problemas que tem um objetivo a ser alcançado e que inclui atividades intelectuais complexas, como: agrupar o material por sentido, estabelecimento de uma relação lógica entre suas partes e estabelecimento de um plano”.

Finalizamos essa fase acreditando na oralidade como fonte de preservação e que a história não pode se furtar em conhecer e dar voz a esses sujeitos. Ao pesquisador da oralidade, caçador de testemunhos da história, cabe adentrar os porões do desconhecido e propor a reflexão sobre a verdade posta.

4 MEMÓRIA DE PAULISTANA – PIAUÍ: caracterizando espaços e vivências

“As cidades apresentam elementos que as particularizam, elas situam-se como lugares de encontros, reflexões, despertam memórias, encontros com tempos passados (LIZUKA, 2014, p. 36)”. Essa compreensão de espaço simbólico, remete-nos a reflexões em torno da relação espaço físico e o processo de construção de vivências.

Uma cidade é resultado do que cada família constrói ao longo dos anos. A valorização do desbravador visto como “herói” muitas vezes perpetua para a sua família o ônus do desenvolvimento do local “descoberto”, no entanto, a história de uma cidade não deve ser vista como resultado do esforço apenas de um grupo, defendemos a cidade como um espaço coletivo atravessado por várias genealogias.

Além do lugar construído sobre tijolos, taipa, telha ou palha, há uma morada pensada a partir das interações dos grupos e suas expectativas. É na afirmação de Borges (2008, p. 85) descrita na citação abaixo, que nos embasamos para fortalecer essa ideia:

> [...] Os lugares humanos são construídos ultrapassando as coordenadas materiais, pois neles são impressas as esferas culturais, emocionais, artísticas, econômicas, políticas, ou seja, todas as dimensões que fazem com que os espaços vividos sejam sempre maiores do que os lugares geográficos.

Vemos a cidade e seu processo histórico como um conjunto de sujeitos que tem seus costumes, homens e mulheres que laboram e contribuem para o desenvolvimento econômico local, jovens, idosos e crianças que em suas práticas diárias fazem de seu habitat um espaço de múltiplas culturas.

A morada de cada um perpassa o espaço físico onde ele e sua família habita, seja em uma casa, sítio ou apartamento, para além desses, existem espaços coletivos que compartilhados ajudam o sujeito a vivenciar suas histórias e as histórias dos outros. Nesse sentido usamos o aporte teórico de Borges (2008, p. 83) para demonstrar nosso pensamento:

> Os lugares animam as narrativas através da sua função espacial, pois na dimensão material é através dos espaços que a vida se concretiza. Mas é, sobretudo, na dimensão simbólica que os lugares fundam histórias, pois, por mais geográficos que possam parecer, os lugares são fruto de espaços de representações, onde os homens projetam seus signos.

Partindo desse pressuposto, sentimos a necessidade de conhecer o contexto histórico da cidade de Paulistana dispensando um olhar cuidadoso sobre as memórias de alguns moradores dessa cidade. Interessa-nos a descrição de momentos e espaços que ajudem a desenvolver um quadro dessa morada e sua representação espacial e cultural. O olhar da pesquisadora sobrepõe-se ao da moradora em um diálogo com teorias sobre cidade, memória e história.

A cidade de Paulistana transita entre o urbano e rural, logo tem como uma de suas características a existência de pessoas que moram ou que por ela passam vindas do interior e de outras cidades. Há casos de jovens que saem de cidades vizinhas como: Acauã e Jacobina, para estudarem em Paulistana

> Sua população de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010 é de 19.785 habitantes, sua área territorial de acordo com o levantamento de 2015 é de 1.969.907 (km²). A população estimada em 2017 é de 20.192 pessoas. O gentílico de quem nasce em Paulistana é Paulistanense. A cidade encontra-se localizada no território Chapada do Rio Itaim, sudeste piauiense, pertencente ao bioma caatinga (IBGE, 2017).

Para percorrer os 460 km (aprox.) que separam Paulistana de Teresina, a capital do Piauí, inicia-se o percurso pela BR 407 e encerra-se na BR 316.

Adentrando os aspectos da formação histórica e cultural de Paulistana, recorremos a Bandeira (1991, p. 15) e sua obra *Fragmentos históricos de Paulistana – Piauí*. As informações que caracterizam o município em seus aspectos físicos são apontadas no capítulo 1 desse livro e citadas abaixo.

> O município de Paulistana está situado na meso-região do sudeste do estado e na micro-Região de Alto Piauí e Canindé, sendo seus limites: ao Norte com o município de Isaías Coelho, Jaicós e Simões, ao sul com São João do Piauí. Sua divisão administrativa inclui nove povoados, Jacobina que dista 24 km do município sede; Itaizinho 30 km; Queimada Nova, 78 km; Jacú, 48 km; Acauã, 12 km; Serra Vermelha, 42 km; Betânia, 48 km; Joazeiro do Secundo, 50 km e tigre, com 30 km. O clima da cidade é do tipo quente ou tropical. A temperatura varia entre as máximas de 37º e as mínimas de 23º.

É possível aos moradores de Paulistana sentir um vento agradável tanto ao longo do dia quanto durante a noite, no entanto, as altas temperaturas que vem ocorrendo principalmente durante o segundo semestre, têm modificado um pouco essa característica local nos últimos anos.

O ensaio dos parágrafos anteriores serve para enunciar o contexto histórico da

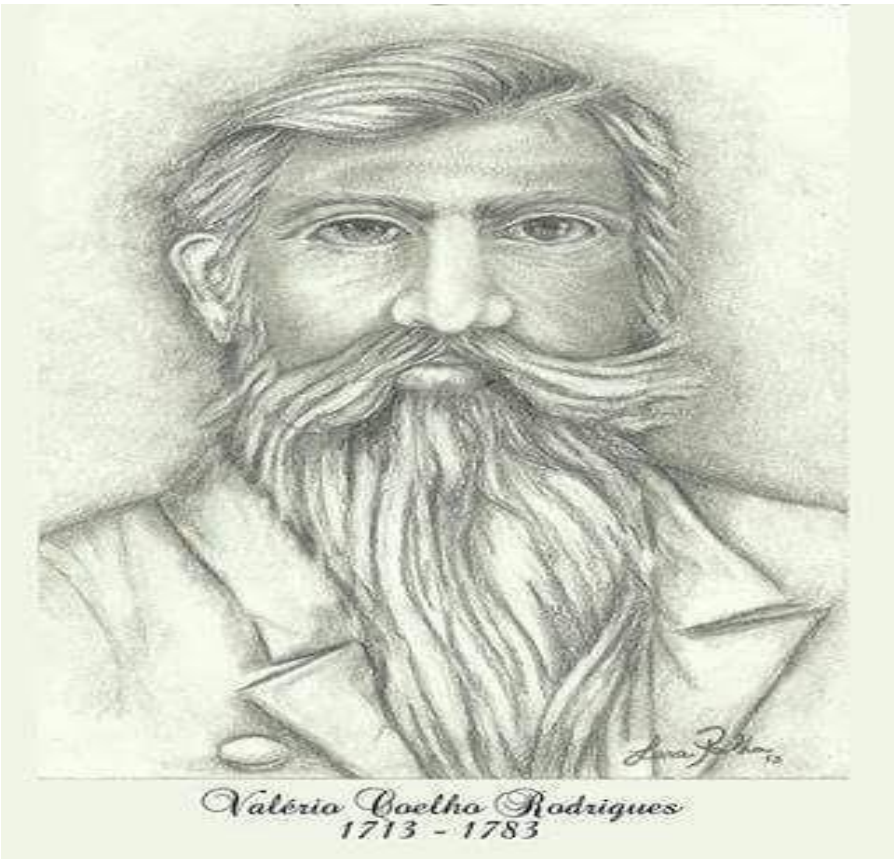
cidade de Paulistana. De acordo com a tradição essa história apresenta duas versões que podem ser consultadas em Bandeira (1991, p. 23):

> O povoamento de Paulistana, antiga vila de Paulista, está ligado ao desbravamento da região pelos bandeirantes e, consequentemente as fazendas de criação de gado, que aí surgiram no final do século XVII. A primeira das duas versões refere-se que "a antiga vila originou-se de uma antiquíssima fazenda de criação de gado por volta de 1663. A fundação dessa fazenda deve-se ao pioneirismo do bandeirante Domingos Jorge Velho, quando das suas primeiras incursões em território piauiense". Mais tarde em 1730, a fazenda que originou a antiga Vila de Paulista, passou a ser propriedade do bandeirante Valério Coelho Rodrigues, o qual, querendo homenagear o estado que serviu de berço a sua mulher com o nome de Paulista, já que Domiciana era natural de São Paulo.

Da leitura da obra de Bandeira (1991) também identificamos apontamentos históricos sobre fontes que abordam esse assunto, dentre elas o livro *Valério Coelho Rodrigues* [s.d] de autoria de José Teles. A passagem descrita por ele e citada por Bandeira (1991) é a de que com a chegada do bandeirante Valério Coelho no Piauí, teria ocorrido após a chegada de Domingos Jorge velho que havia iniciado uma fazenda de criação de gado por volta do ano de 1663. Outra obra consultada por Bandeira (1991) que também trata do assunto desbravamento de terras Piauiensesé *O segredo das Minas de Prata de Pedro Calmon (1950).*

As versões em torno do desbravamento e povoamento do que veio a tornar- se Vila Paulistana fazem-se presentes na fala de algumas pessoas da cidade, mesmo que timidamente, sendo Valério Coelho considerado o responsável pelo povoamento da cidade. Assim, abre-se espaço para um breve registro histórico e memorialístico do citado.

Fotografia 1 - Retrato falado de Valério Coelho Rodrigues



Fonte: Josinaldo Miguel de Souza (Paquera - 2013)

Informações a respeito desse personagem são descritas por Fonseca Neto (2012) em matéria publicada em um blog da cidade. Uma passagem breve pelo contexto histórico e familiar é necessário quando fala-se de povoamento de Paulistana.

> Valério, um português, da região do Porto, nasceu no dia 3 de setembro de 1713 fixando-se no sítio do vale do Canindé, lugar da hoje cidade de Paulistana. Domiciana e Valério tiveram 16 filhos, 8 mulheres e 8 homens. Os filhos se multiplicaram e também as fazendas do casal. E assim como a atividade ligada à gadaria tinha caráter extensivo – os rebanhos se reproduziam e seus donos tinham que incorporar mais terras de pastos e águas – os filhos deles iam casando e fundando cada vez mais longe suas fazendas e currais. Com efeito, espalhar- se-iam pelos vales mais úmidos do rio São Francisco, limites das capitanias de Pernambuco e da Bahia, e da própria capitania do Piauí, rio Canindé abaixo. Em meados do século seguinte, o XIX, dos 15 filhos – um tornou-se religioso e celibatário – e dos seus enlaces com várias outras famílias fazendeiras, sua descendência em netos e bisnetos sobe a mais de uma centena de indivíduos.

Outras considerações são feitas em relação à grande descendência deixada

por Valério Coelho Rodrigues e sua esposa Domiciana. A extensão do seu sobrenome misturado a outros em decorrência dos casamentos de seus filhos, percorre várias cidades do estado do Piauí, Pernambuco, Bahia e Maranhão.

Durante o centenário de nascimento de Valério Coelho Rodrigues seus descentes de várias gerações reuniram-se como forma de comemoração. Fonseca Neto (2012) descreve que “Para celebrar os 300 anos de seu nascimento, grande Encontro se fez no último domingo, no terreiro da fazenda deles, hoje a praça central da cidade de Paulistana”.

Em outra pagina de notícias local, o encontro é descrito com maior riqueza de detalhes:

> O I Encontro Nacional dos Descendentes de Valério Coelho, que aconteceu ontem (01/09/2013), foi uma das maiores festas e manifestações culturais da Região de todos os tempos. O evento foi realizado durante a manhã e a tarde deste último domingo na Praça Valério Coelho no Centro de Paulistana – PI e contou com uma numerosa presença de personalidades, entre elas, o Ministro da Integração Nacional Fernando Bezerra Coelho, o Governador Wilson Martins, deputados, desembargadores e escritores que escrevem sobre Valério Coelho Rodrigues, o Patriarca do Sertão e também o fundador de Paulistana – PI. Segundo os organizadores 5 mil pessoas compareceram ao evento. (TRICENTENÁRIO... 2014)

Encerra-se a etapa destinada para descrição da memória individual de Valério Coelho e traços da história de Paulistana, para iniciar-se outro momento da contextualização histórica da cidade com ênfase em aspectos culturais e educacionais da cidade.

4.1 PAULISTANA (PI): uma construção histórica coletiva

O território que deu origem a uma fazenda, que transformou-se em vila, que formou uma cidade, para nós, tem sua construção historiográfica baseada em registros oficiais e em relatos orais. Devemos considerar que assim como aconteceu em tantas cidades, a presença de povos de origem indígena, portuguesa e negra que modelaram o território Piauiense, pode ter alcançado Paulistana.

A história de Paulistana contextualiza-se no desbravamento do estado Piauí ocorrido a partir do interior, na proposta de criação de gado bovino. De acordo com estudos baseados em de Bandeira (1991, p. 47) a cidade teria sua origem a partir da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Humildes.

> O povoamento da cidade teria ocorrido em fins do século XVIII em torno da capela. Essa capela hoje é a Igreja Matriz da cidade de Paulistana que recebe o nome de Nossa Senhora dos Humildes situa-se no centro da Praça Presidente Castelo Branco. Sua criação ocorreu em 13 de julho de 1883, no entanto a instalação canônica ocorreu cinco anos mais tarde em 15 de agosto de 1888.

Abaixo segue a foto da Igreja Matriz da cidade de Paulistana (século XX) antes da reforma ocorrida no ano de 2004.

Fotografia 2 - Igreja Matriz – Nossa Senhora dos Humildes

Fonte: Osvaldiria Cavalcanti (19-?)

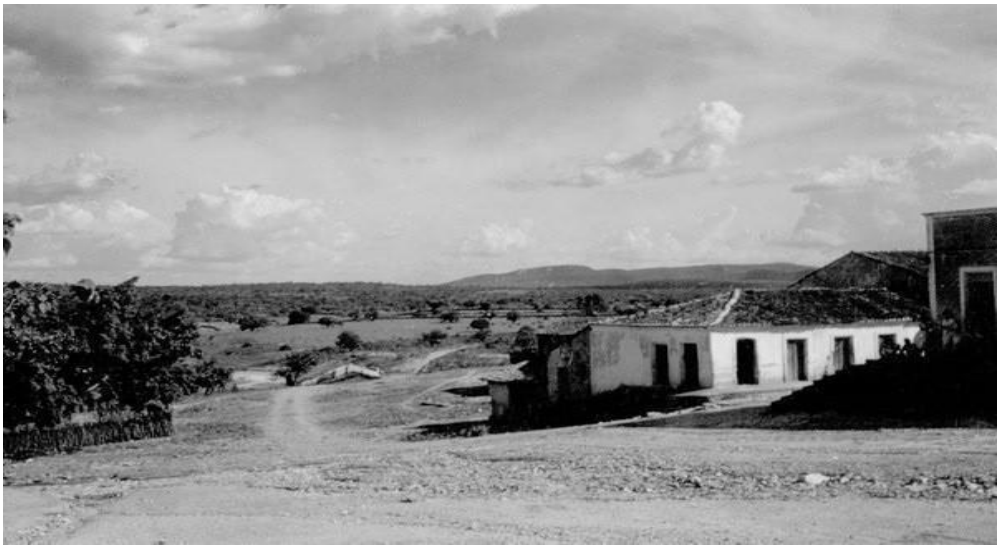
A sinopse histórica de que trata o livro de Bandeira (1991) sugere datas importantes para a compreensão do contexto histórico da cidade, ela vai do registro de sua povoação ao momento em que essa se torna cidade.

> Em 20-7-1885 a resolução provincial de nº 1.1367 elevou a categoria de vila. Seu desmembramento do município de Jaicós ocorreu em 25 de dezembro desse mesmo ano e sua autonomia judiciária veio por meio de Decreto Estadual em 28 de dezembro do mesmo ano. Seu território foi desmembrado de Jaicós, sendo instalada a vila em 25 de dezembro do mesmo ano, com o termo judiciário pertencendo a Jaicós.

> [...]
>
> O município de Paulista foi extinto em 26 de junho de 1931, por meio do decreto Estadual de nº 1.279, sendo seu território anexado a Jaicós, por meio da Lei nº 96 de 21-06-37. A Vila de Paulista só foi elevada à categoria de cidade pelo Decreto Estadual nº 147 de 15 de dezembro de 1938. Como era proibida a duplicidade de topônimos das vilas e cidades brasileiras, então em 30 de dezembro de 1943 a vila passou a denominar- se Paulistana.

Da antiga Vila Paulista não foram localizados registros fotográficos, a imagem abaixo data do século XX e não há registro do local como: nome da rua, ou bairro, no entanto, trata-se de um importante registro de memória para cidade. A imagem pode ser localizada na página do IBGE: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/fotos.php?lang=&codmun=220780&search=||infogr%E1ficos:-fotos>.

Fotografia 3 – Paulistana (PI) em 1957



Fonte: Alfredo José Porto Domingues; Tibor Jablonski. (s.d)

O contexto educacional de Paulistana de acordo com Bandeira (1991) teve referências importantes como a professora Luiza Amélia Teixeira responsável pela fundação da primeira escola na cidade e o professor Moisés Francisco Costa, um autodidata que se preocupou com a educação de jovens e adultos. Juntam-se aos citados ainda de acordo com esse autor, outros colaboradores do desenvolvimento da educação Paulistanense:

> A professora Isaura de Carvalho Moura que assumiu a diretoria da Escola Singular Mista conhecida como “Casa Dramática ou Teatro são João” que foi dirigida posteriormente pela professora Maria de Castro Paixão em 01/07/1941. A escola mudou de nome mais tarde e passou

> a chamar-se Escolas agrupadas. O prédio já não existe, pois foi demolido para o alargamento da Rua 7 de setembro.
>
> [...].
>
> O Colégio Miguel Couto foi fundado por volta de 1938 pelo educador Francisco Napoleão Moreira que foi assassinado ainda jovem por vingança no povoado Serra Vermelha (BANDEIRA, 1991, p. 87)

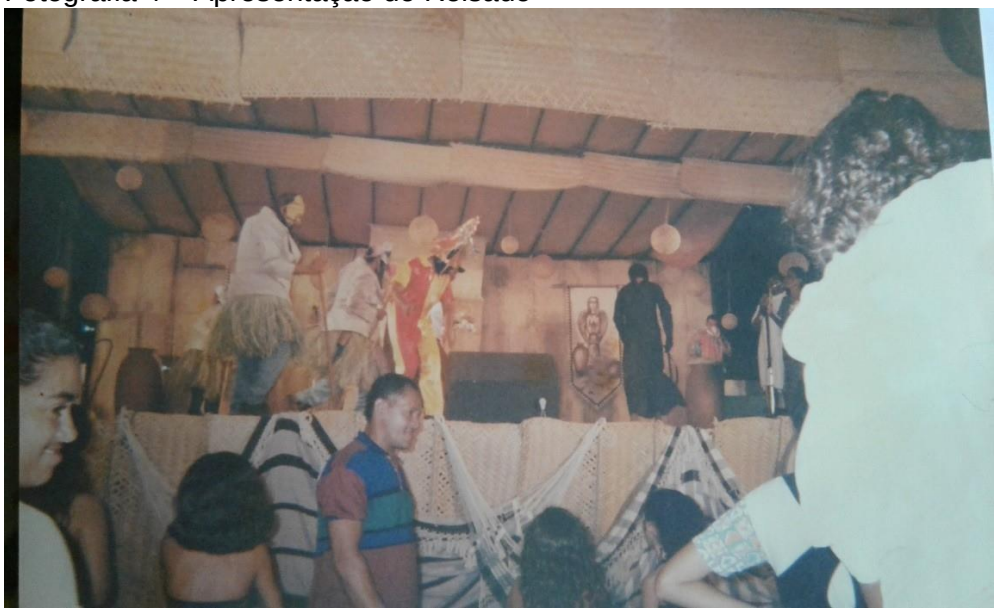
Para registro estatístico atual, temos que, a educação pública na cidade de Paulistana conta com escolas e creches situadas na cidade e adjacências. Os dados estatísticos referentes a essa afirmação constam em Anexo A.

Saindo do contexto educacional para o cultural, apresentamos um elemento de manifestação importante para a cidade, o Reisado, também conhecido como Folia de Reis ou Festa dos Santos. Esse tipo de manifestação cultural representa muito como folclore e para os que o comemoram como festa religiosa. Bandeira (1991) destaca que em Paulistana, essa festa foi herança dos escravos e era apresentada por negros no Bairro da Correnteza. Como representantes do reisado na cidade, o autor traz o nome de Davina Antônia da Conceição e Quintino Pereira Nunes. O relato desses participantes nessa obra revela que:

> Essa manifestação cultural já era conhecida muito antes do seu tempo e provém dos antigos costumes dos habitantes do lugar. A luta para a manutenção da tradição tem o nome do mestre José Miguel da Silva, que realizou o reisado durante 41 anos e no qual a última apresentação ocorreu em 1988.

Dessa festa, o que foi registrado e localizado durante a pesquisa manifesta-se nas lembranças e entrevista dos idosos e em imagem de arquivo pessoal de uma moradora da cidade durante o documentário produzido. A imagem consta na fotografia abaixo:

Fotografia 4 – Apresentação do Reisado



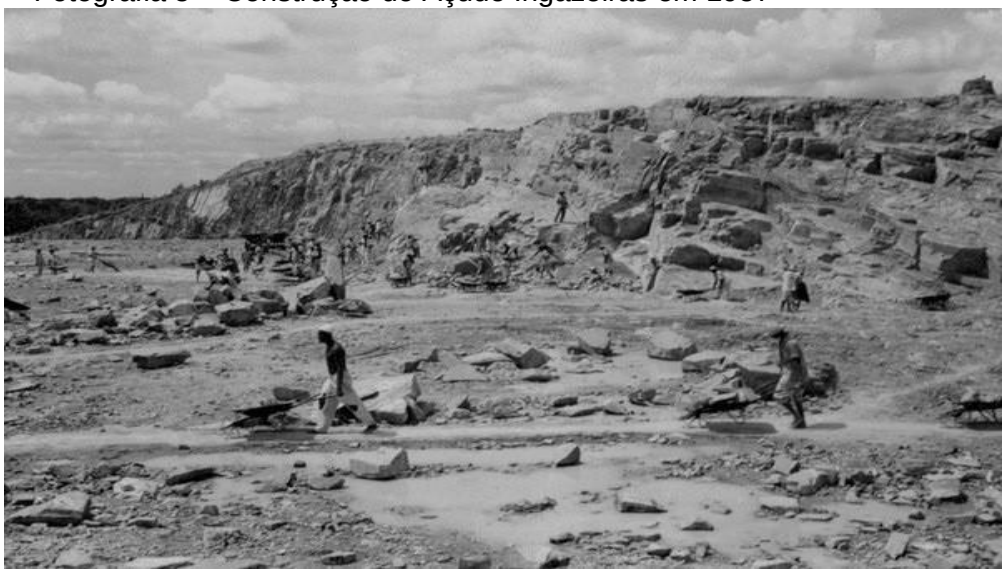
Fonte – Maria do Socorro Coelho [19?]

A referência aos espaços e monumentos importantes para a reconstituição da memória de Paulistana, traz a construção do Açude Ingazeiras. Durante conversas com algumas pessoas da cidade tivemos conhecimento que esse açude já foi aproveitado para banho e atividades de lazer, mas atualmente essas práticas diminuíram e há receio de muitos moradores em fazer uso dessa água para beber e cozinhar por causa da notícia de sua poluição, no entanto, cabe a ele o abastecimento de água da cidade.

A fala de Bandeira (1991, p. 16) em seu livro sobre a construção dessa obra é que “Teve início em dezembro de 1953, sendo concluída em abril de 1966 pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra Secas)”.

A imagem abaixo correspondente ao período em que ocorreu a construção do Açude, ela pode ser consultada no seguinte endereço: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/fotos.php?lang=&codmun=220780&search=||infogr%E1ficos:-fotos>.

Fotografia 5 – Construção do Açude Ingazeiras em 1957



Fonte: Alfredo José Porto Domingues; Tibor Jablonski. (s.d)

O Açude Ingazeiras é um local de muita representatividade para a cidade de Paulistana, os dois momentos citados em fotos ilustram um momento mais recente.

Fotografia 6 – Pôr do sol no Açude Ingazeiras

Fonte: Maria do Socorro Coelho. [19?]

Fotografia 7 – Açude Ingazeiras

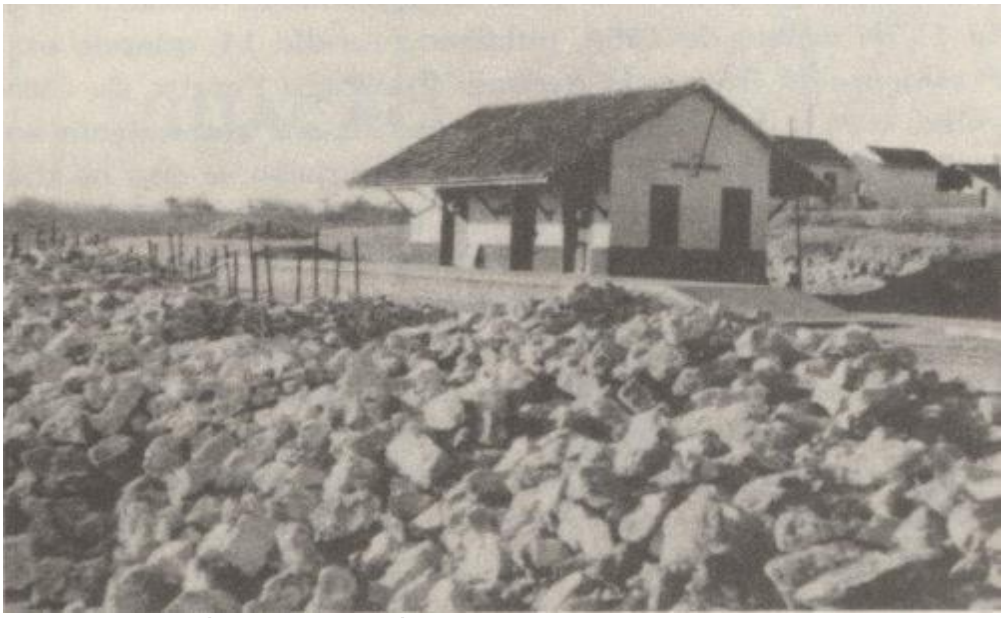
Fonte: Maria do Socorro Coelho [19?]

Problema identificado durante a pesquisa de campo refere-se à inexistência de uma educação patrimonial na cidade que veio a ocasionar a modificação do que poderia ser um local histórico tombado, como por exemplo: a estação ferroviária da cidade que por muitos anos foi o principal meio de locomoção. Um texto que traz um breve histórico sobre a linha de estação que dava acesso à cidade de Paulistana tem como referência (GIESBRECHT... 2012).

> A linha da E. F. Petrolina a Teresina foi aberta em 1923 para ligar Petrolina à capital do Piauí, passando pelo extremo oeste do Estado de Pernambuco e subindo pelo sul do Piauí. Como diversas ferrovias no Brasil, suas obras avançaram lentamente. Em 1923 os trilhos levavam até Rajada, vilarejo no meio de nada. Somente em 1926 avançaram até Afrânio. Em 1928, até Mafrense, outro vilarejo e já no Piauí. Em 1936 a Acauã e em 1938 até Paulista (hoje Paulistana). Jamais passou dali. Em 1941, a ferrovia foi incorporada à VFFLB, mas seus trens continuavam partindo de Petrolina: quem vinha de Salvador por Juazeiro tinha de atravessar o rio São Francisco por barcos para pegar o outro trem. A ponte sobre o rio ficou pronta em 1965 e aí os trens passaram a correr direto até Paulistana, vindos de Salvador; mas em 1972 foram desativados a partir de Petrolina, e logo os trilhos da antiga VVFLB foram arrancados. Foi o fim do sonho de se chegar a Teresina pela Bahia.

As imagens da estação ferroviária são importantes registros desse patrimônio que mesmo não tendo sido tombado, permanece como de registro de memória para a cidade e seus habitantes. A fotografia pode encontra-se disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/paulistana.htm>.

Fotografia 8 - A estação de Paulistana em 1956.



Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XV, IBGE, 1959

O espaço hoje modificado serve como oficina de acordo com a ilustração abaixo data de agosto de 2017 e pode ser consultada no seguinte endereço: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/paulistana.htm>.

Fotografia 9 - O maltratado prédio da estação de Paulistana

Fonte:Tarcisio Vilarinho (ago. 2007)

Paulistana a contar da elevação de categoria de vila à cidade em 1938, apresenta-se como uma cidade jovem, em 15 de dezembro de 2017 a cidade completou 79 anos. Com traços de cidade pequena, o comércio local é abastecido por frutarias, mercadinhos e bares de pequeno porte. Não há uma rede de supermercados na cidade, shopping, cinema ou teatro, a diversão noturna é mantida em torno de bares, churrascarias e dos quiosques que estão localizados na BR 407 que é a via de acesso principal da cidade.

O espaço onde encontram-se esses quiosques, para nós, é observado como local de aproximação pois nele ocorre diariamente o encontro de amigos e de famílias que vão alimentar-se ou simplesmente conversar. Esses pontos de alimentação oferecem uma culinária variada como tapiocas, cuscuz sertanejo, açaí, panquecas, caldos, sopas, espetinhos, sanduiches, café com leite, sucos, sorvete, refrigerantes, macarrão ao vivo (o cliente escolhe os ingredientes e a massa é preparada na hora). O diferencial deles é que cada ponto de alimentação trabalha com um tipo de cardápio, em poucos deles as refeições se repetem.

Tivemos notícias que, quando iniciaram suas atividades, os quiosques funcionavam na região mais central da cidade com uma estrutura mais simples, com a reforma e mudança de local para as margens da BR 407 que é a porta de entrada da cidade, proporcionou melhores condições de trabalho e prestação de serviços aos clientes.

> Na manhã deste último sábado (27/08) Paulistana amanheceu com uma nova paisagem em uma de suas praças nas margens da BR 407. O local estava isolado e rodeado por compensado, ou seja, um canteiro de obras. Mas toda a madeira citada foi retirada. Agora nem só a população tem uma boa sensação de ver os novos quiosques de alvenaria como também os viajantes que passam por esta rodovia que corta a nossa linda cidade. Os quiosques já estão quase prontos, a imprensa ainda não teve a informação oficial da Prefeitura sobre o dia da entrega e inauguração dos mesmos. A obra é de um convênio entre a Prefeitura Municipal de Paulistana e o Ministério do Turismo. (QUIOSQUES... 2011)

Segue abaixo ilustrações dos quiosques da cidade de Paulistana

Fotografia 10 - Quiosques de Paulistana - BR 407

Fonte: João Francisco Neto (23/11/2017)

O registro fotográfico foi realizado em uma quinta- feira à noite quando inicia-se uma movimentação maior de pessoas em torno dos quiosques e churrascarias da cidade.

Fotografia 11 – Quiosques de Paulistana - BR 407

Fonte: João Francisco Neto (23/11/2017)

Em Paulistana não há Arquivo Público e nem Museu, a Biblioteca Pública Municipal apresenta carências no quesito infraestrutura, no acervo sobre Paulistana e não há bibliotecário em sua administração. A comunicação e a circulação de notícias na cidade ocorrem por meio de blogs como, por exemplo: o Blog do Evangelista, o Blog Paulistanapi, o Blog do Fabio Nascimento e da Rádio Ingazeira que fica localizada em frente à Igreja Matriz no Bairro da Correnteza.

A Rádio Ingazeira foi o primeiro veículo de comunicação a surgir na cidade. Em 16 de fevereiro de 2017 visitamos a rádio e gravamos por celular uma entrevista com o senhor Cleodon Albuquerque, um dos locutores da rádio. Sobre a origem da rádio ele nos respondeu:

> A rádio é um empreendimento do ex deputado Humberto Reis da Silveira e dos irmãos Damasceno que são: Adelaido, Antonio e Raimundo. Ela entrou no ar em 09/11/1986, mas somente em fase experimental (só musicas). Efetivamente ela começou a operar em 28 de abril de 1987 com uma programação normal. Essa programação ainda hoje existe com o forró na roça com Zé Damasceno, programa de esportes, programação evangélica e católica. (ALBUQUERQUE, 2017).

Continuamos a entrevista investigando sobre a importância da rádio para a população de Paulistana.

> A Rádio Ingazeira foi a primeira emissora da microrregião Paulistana, veio com a missão de difundir a comunicação onde pudesse ouvir a programação, notícias. Hoje com o advento do celular ficou mais difícil a questão do aviso, mas a rádio tinha antigamente uma programação voltada para avisos no interior que era de muita audiência e muita participação. Ainda hoje tem, mas não da maneira que era anteriormente antes do celular. Hoje todo mundo tem celular (ALBUQUERQUE, 2017)

A última fala do senhor Cleodon Albuquerque abordou a missão da rádio Ingazeiras. De acordo com o entrevistado, esse veículo de comunicação tem como objetivo trazer a informação e o entretenimento para muitas pessoas e é muito importante para a cidade por ser a pioneira na comunicação da região.

Apesar da circulação de notícias apresentar novas demandas e ferramentas tecnológicas na atualidade, nos lares paulistanenses há um público fiel à programação da Rádio Ingazeira. Em sua fala final o locutor comenta que “A programação é para noticiar e informar o cidadão e homem do campo que está sempre ligado na rádio. A rádio AM tem penetração mais forte no interior, ela dá notícias daqui e do que está acontecendo no Brasil” (Albuquerque 2017).

Fotografia 12 - Rádio Ingazeira

Fonte: A autora (2017)

O cotidiano da cidade é modificado a cada sexta feira do mês quando ocorre a *Feira de Paulistana* durante o dia. A cidade recebe pessoas de comunidades vizinhas que chegam para movimentar o comércio. O trânsito fica mais movimentado e muitos desses visitantes chegam em carroceria de *pau de arara*[7] o que sabemos ser perigoso e como não há fiscalização do Departamento de Transito do Piauí (DETRAN – PI), a situação permanece.

Fotografia 13 – Paulistana em *Dia de Feira*

Fonte: A autora (2017)

[7] Caminhão coberto usado no transporte de retirantes nordestinos (FERREIRA, 2010. p. 57)

Além da comercialização de produtos a feira movimenta o lazer da cidade pois é exatamente nesse dia que ocorre o *Forró na Feira***.**

Fotografia 14 - Forró na Feira da Rádio Ingazeiras em Paulistana, gravado pela emissora de televisão TV Clube afiliada da Rede Globo.

Fonte: blog do Evangelista (nov. 2016)

O tema da religiosidade encontra espaço na pesquisa sobre a memória de Paulistana. Os dados do IBGE de acordo com Censo de 2010 demonstram que a população que se declarou Católica Apostólica Romana é de 16.024 pessoas; a população evangélica é de 2.023 pessoas e a espírita de 8 pessoas. (IBGE, 2016).

Para os católicos da cidade, uma festa religiosa importante é a de Nossa Senhora dos Humildes comemorada em 15 de agosto e para os evangélicos o Dia do Evangélico comemorado em dia 15 de julho. Esses momentos fazem parte do calendário de feriados do município.

Fotografia 15 – Missa – Festejos de Nossa Senhora dos Humildes

Fonte: Francisca Alves (13/08/2017)

Em um dos momentos dos festejos de Nossa Senhora dos Humildes do ano de 2017 ocorreram a missa e a quermesse, eles podem ser visualizados nos registros fotográficos 15 e 16.

Fotografia 16 – Quermesse - Festejos de Nossa Senhora dos Humildes

Fonte - Francisca Alves (13/08/2017)

A cidade já foi movimentada por uma Exposição Agropecuária que ocorria anualmente, em julho de 2016 foi realizada a 14ª edição da exposição e a 2ª Festa do Vaqueiro. A última edição do evento trouxe atividades como a comercialização de

animais, a exposição de alguns stands como o do Banco do Nordeste e o do IFPI Campus Paulistana que fez a divulgação de seus cursos e da biblioteca.

Fotografia 17 – Exposição Agropecuária de Paulistana

Fonte: Noticias Vale do Canindé (2016)

Além da Exposição de animais o evento apresentou a 2ª Cavalgada e a Missa do Vaqueiro. O espaço destinado para shows recebeu atrações da região e de outros locais do país.

Fotografia 18 - Cavalgada e Missa do Vaqueiro

Fonte: Blog do Evangelista (2016).

Os momentos citados nesse capítulo são importantes para a composição

histórica e cultural da cidade de Paulistana, as comemorações coletivas de acordo com Silva (2004) fazem com que as memórias sejam “re-presentificadas”, disputadas e silenciadas. Ele ressalta que elas contribuem para a re(construção) de identidades individuais e coletivas.

Essa concepção reforça o nosso entendimento de que festejar coletivamente é uma atividade que pode contribuir para o sentimento de pertencimento de um grupo em determinado momento como, por exemplo, a festa de aniversário da cidade.

> A festa, nessa perspectiva, é um local híbrido porque nela estão presente material, temporal e simbolicamente não só diferentes grupos étnicos, religiosos, políticos e econômicos que advogam para si vantagens em relação a outros grupos com base no passado, mas também aqueles a quem estes grupos, através da (re) construção do passado, tentam silenciar, mas que nem sempre conseguem. E se não conseguem, é porque talvez os sujeitos, os quais se pretende silenciar, fazem da sua ausência nos cerimoniais e discursos comemorativos uma presença constante por meio de “gritos simbólicos” que irrompem por todos os lugares da festa. (SILVA, 2004, p. 60)

Além dos símbolos e comemorações, a cidade tem nos sujeitos e suas lembranças elementos fortalecedores da memória. Esse ato de recordar pode sofrer interferências externas proporcionadas por mudanças físicas na cidade que às vezes passam despercebidas no cotidiano, mas que podem vir à tona no momento de rememorar. Algumas interferências podem ser lidas em Bosi (2003, p. 70) quando relata que “A memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Por isso a importância da coletividade no suporte da memória”.

Essas considerações contribuem para compreendermos Paulistana e de certa forma o processo de transformação sofrido ao longo dos anos, por não tratar-se de uma cidade centro ela cresce no compasso que lhe é permitida. Suas ruas e bairros aos poucos deram lugar a pavimentação e o surgimento de pequenos prédios. Essa modificação pode ser vista em parte a partir de 2 (duas) imagens da cidade:

Fotografia 19 – Paulistana em meados do século XX

Fonte: Alfredo José Porto Domingues; Tibor Jablonsky. (19?)

A primeira imagem (fotografia 19) é de um local da cidade não identificado, no entanto, bem ao fundo aparece o que seria a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Humildes, a segunda imagem (fotografia 20) pode ser identificada como uma das entradas da cidade.

Fotografia 20 – Paulistana vista do alto – BR 407

Fonte: Maria do Socorro Coelho (19?)

Por ser considerada uma cidade tranquila, uma forma de lazer em Paulistana é a conversa na praça, a da imagem abaixo localiza-se em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora dos Humildes. É um espaço pequeno, arborizado e ventilado (ver fotografia

21)

Fotografia 21 – Praça Valério Coelho Rodrigues

Fonte: Acervo pessoal (2017)

A cidade que foi apresentada, não é uma morada finda, acabada, as discussões e teorias abordadas foram fontes importantes para a construção de um quadro visual e imaginário do lugar que abriga os naturalizados e pessoas que vem de outras cidades para trabalhar e/ou estudar.

Dentro desse contexto da formação histórica, não foi possível um recorte amplo em torno das questões sobre a existência ou não de escravos e indígenas na e de como ocorreram às relações á época do desbravamento local, os registros localizados não aprofundam essa questão. Atualmente podemos comprovar a presença de comunidades quilombolas em solo Paulistanense por meio dos dados recentes da Fundação Cultural Palmares em Brasil (2017) que traz as seguintes indicações “[...] na região de Paulistana encontram-se 6 comunidades remanescentes de quilombos, sendo estas: Angical, Barro Vermelho, Chupeiro, São Martins, Contente e Sombrio [...]”.

Diante de tais fatos a pesquisadora ao fim do processo ver-se diante de novas inquietações. Quem contou a história oficial de Paulistana e a quem pertence essa história?. Questões assim de tamanha complexidade exigem um estudo mais

aprofundado, seja de um pesquisador visitante, seja de um pesquisador filho da cidade.

O prosseguimento da pesquisa ocorre com o desenvolvimento do capitulo que traz a instituição de ensino IFPI e a organização da informação de documentos coletados em campo objetivando a preservação da memória da cidade de Paulistana.

.

5 O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI) - CAMPUS PAULISTANA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Pensar a Organização da Informação (OI) no eixo da preservação da memória e dentro do contexto educacional é a intenção desse momento da pesquisa. Assim, abordar esse tema de maneira breve a fim de compreendemos o processo faz-se necessário.

Iniciamos essa fase de discussão apoiando-nos em Brascher; Café (2008, p. 5) que adota a postura de que a OI pode ser entendida como:

> Um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.

A continuidade do capítulo ocorre quando apresentamos o local onde encontram-se organizados alguns documentos da cidade de Paulistana. Para esse momento, iremos apresentar a história do IFPI para enfim chegarmos ao contexto da biblioteca.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) iniciou sua trajetória em um momento de importantes transformações no mundo.

No Brasil, de um lado a Ditadura Militar (1964-1985) e de outro a luta por um regime democrático que veio a se “consolidar” pelo menos formalmente com a promulgação da Constituição Brasileira de 1988.

A educação pública brasileira sempre enfrentou dificuldades, mas nesse período da história, alguns avanços puderam ser sentidos. Aranha (2006, p. 239) aponta que “O século XX foi bastante rico em experiências educacionais e no pluralismo de teorias pedagógicas”. Vale ressaltar que, os ganhos na área educacional vieram em consequência do que foi feito em séculos anteriores e da luta de professores e outros cidadãos que acreditavam em uma educação como direito de todos.

O século XX foi a época das revoluções socialistas e no campo educacional havia uma discussão sobre a formação do sujeito político. Principalmente as décadas de 1920 a 1930 foram férteis em discussões sobre educação e pedagogia. (ARANHA, 2006).

As manifestações locais eram baseadas principalmente em acontecimentos a nível mundial, as movimentações no mundo do trabalho e no social afetavam diretamente a educação. Por mais que se lutasse por uma educação de qualidade ainda havia o choque de interesses entre a escola tradicional e a proposta de uma escola moderna. A obra de Aranha (2006) destaca O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932*, como um movimento que defendia a educação obrigatória, gratuita e leiga a ser mantida pelo estado.

Foi nesse contexto que nasceu o que hoje conhecemos como IFPI. Sua trajetória remonta o início do século XX e pode ser estudada com maior profundidade no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2015-2019). O documento proporciona aos leitores visualizar as variações nas denominações da instituição e sua evolução.

> A história do Instituto Federal do Piauí começou em 1909, com a implantação, em Teresina, da Escola de Aprendizes Artífices. Essa escola surgiu a partir de uma decisão do presidente Nilo Procópio Peçanha, que criou uma Rede Nacional de Escolas Profissionais, distribuídas igualmente nas 20 capitais dos 20 estados brasileiros. Na introdução do Decreto 7.566, de 23 de setembro de 1909, podia-se ler que a escola se destinava "não só a habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalhos profícuos, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime. (INSTITUTO ... 2014, p. 17)

Estamos diante de uma escola que habilita para o mundo do trabalho. O período também de crises no social, demandava uma educação mais prática, proposta que durou 28 anos. "A Escola de Aprendizes do Piauí (1909–1937) foi a primeira escola federal de ensino profissional implantada no Estado do Piauí, com cursos profissionalizante de Arte Mecânica, Marcenaria, Sapataria e Fundição". (INSTITUTO... 2014, p. 17)

Em sua segunda fase e diante de um momento em que o governo vendia a ideia do fortalecimento da industrialização e pretenso desenvolvimento nacional, a escola muda de nome:

> Em 1937, na vigência do Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas, surgiu uma nova denominação: Liceu Industrial do Piauí, que funcionou (1937 – 1942) e resultado da intenção governamental de industrializar o país usando a Rede de Escolas Profissionais como instrumento de formação de operários. (INSTITUTO... 2014, p. 18)

A sequência de mudanças na nomenclatura continuou do período que vai da década de 1942 a 1965. Permanece o foco do governo em fortalecer a mão de obra para o desenvolvimento industrial brasileiro.

> A terceira fase da instituição começou com a criação da Lei Orgânica do Ensino Industrial de 1942, que dividiu as escolas da Rede em industriais que formariam operários, em nível ginasial, para a indústria, e as técnicas que formariam operários e também técnicos, em nível médio. Essa fase durou do período de 1942 a 1965 [...]. Em 1965, houve a inclusão do termo “Federal”, no nome das escolas da Rede. Essa mudança permitiu que a instituição pudesse fundar cursos técnicos industriais, a exemplo das escolas que já eram técnica. Em 1967, foram criados os primeiros cursos técnicos de nível médio: Edificações, Agrimensura e Eletromecânica. (INSTITUTO... 2014, p. 18).

A Escola Industrial Federal passou a funcionar como outra denominação por um longo período se considerarmos a brevidade de algumas das outras denominações.

> A criação e o reconhecimento dos cursos técnicos permitiram que o Ministério da Educação promovesse a Escola Industrial Federal a Escola Técnica Federal do Piauí (ETFPI), em 1967. Nesse período, houve uma grande ampliação da estrutura geral da Escola. Os cursos técnicos, que eram noturnos, passaram a ser também diurnos e houve a oferta de novas vagas para as seguintes áreas: Contabilidade, Administração, Secretariado e Estatística. Com a permissão de matrículas de mulheres, o número de estudantes quadruplicou em dois anos. (INSTITUTO... 2014, p. 18).

Ainda de acordo com as leituras realizadas nesse documento verificamos que a escola passou por um processo de ampliação na sua estrutura física no período de 1967 a 1975 quando foram construídos os prédios B e C, localizados em Teresina. Dentro desse relato de transformação há o registro de um grande passo em 1999 quando a (ETFPI) transformou-se em Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET- PI). É dessa data o primeiro vestibular da instituição, com a oferta do curso superior de Tecnologia em informática. (INSTITUTO...2014).

Como CEFET, a escola funcionou no período de 1999 – 2008, quando surge uma nova mudança de nome. A vertente tecnológica é compartilhada com o viés científico quando da oferta de cursos superiores.

> A transformação da Escola Técnica Federal do Piauí em Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI) aconteceu em 1999. Nesse mesmo ano, ocorreu o primeiro vestibular da instituição, com a oferta do curso superior de Tecnologia em Informática. Em 2001, foi ofertado o primeiro curso superior na área de saúde, o de Tecnologia em Radiologia. E, no ano seguinte, foram implantados os cursos de Licenciatura em Biologia, Matemática, Física e Química. (INSTITUTO... 2014, p. 19)

No ano de 2008 a Escola, que iniciou em 1909 com o propósito de habilitar jovens pobres para o mundo do trabalho, tornou-se o IFPI. Uma escola multidisciplinar que alcança o público de jovens e adultos, ofertando desde cursos técnicos, ensino superior, educação a distância e pós-graduação.

> [...] IFPI surge como uma autarquia de regime especial de base educacional humanística, técnica e científica. É uma instituição que articula a educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica em diferentes níveis e modalidades de ensino. Suas finalidades estão em conformidade com a Lei nº 11.892/2008. (INSTITUTO... 2014, p. 19)

Essa transformação ocorrida em 2008 da escola para Instituto permitiu a transformação de 38 unidades dos Cefets em IFPI, a criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e as ações de ensino a distância. Em 2009, houve a expansão do IFPI para mais seis municípios e em 2011, com a criação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec), foi reforçada a interiorização da educação profissional (INSTITUTO.... 2014).

O processo de expansão busca viabilizar o acesso ao conhecimento de uma parcela da população que vive em cidades pequenas, algumas delas é originária de famílias pobres. Em algumas dessas cidades sequer existem universidades e os jovens que concluem o ensino médio precisam deslocar-se para capitais em busca de melhores condições de estudo.

Pensar a educação dessa maneira faz dessa instituição, um espaço educacional que trabalha elementos para o desenvolvimento local. A partir deles, a instituição define metas, é nesse sentido que o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) - IFPI tem trabalhado:

> O IFPI tema missão de: promover uma educação de excelência, direcionada às demandas sociais. Em sua visão de futuro até 2019 pretende consolidar-se como centro de excelência em Educação Profissional, Científica Tecnológica, mantendo-se entre as melhores instituições de ensino da região Nordeste. Defende valores como ética, respeito, solidariedade, diálogo, participação, transparência, igualdade, responsabilidade ((INSTITUTO...2014, p. 20)

Atuante no estado do Piauí e como escola vinculada ao Ministério da Educação (MEC), o IFPI tem sede na capital (Teresina) e seu processo de expansão até o momento alcança 17 cidades do Piauí.

Os aspectos jurídicos de sua criação baseados nos termos da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, determinam sua natureza jurídica de autarquia, sendo detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógico e disciplinar (APRESENTAÇÃO ...2016)

A estrutura organizacional do IFPI é baseada na integração de seus campi, sendo o Campus Paulistana um deles. A autorização para seu funcionamento veio com a Portaria nº 107, de 29 de janeiro de 2010 (BRASIL ...2010).

O universo institucional na qual o IFPI encontra-se inserido, tem como elemento norteador, a promoção da educação pública de qualidade baseada na formação de sujeitos críticos e responsáveis para com as atividades desenvolvidas. Essas concepções contribuem fortemente para a inserção dessa instituição no contexto histórico e social da cidade de Paulistana e do Piauí.

Desse modo, o objetivo maior do IFPI – Campus Paulistana é:

> Ministrar educação profissional e tecnológica de qualidade, prestando serviços à comunidade, aos setores públicos e aos produtivos, a fim de responder às demandas mercadológicas e conceber soluções para os desafios educacionais emergentes, mediante a formação integral de sua clientela. (PROJETO, 2013, p.

Os compromissos e objetivos elencados, reforçam o caráter da responsabilidade social institucional onde a implementação de processos e serviços deve ser articulada com as necessidades locais visando a formação de profissionais qualificados.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2013) institucional, as modalidades de ensino e organização curricular estão em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), no Capítulo III, que trata da educação profissional e tecnológica.

Cada instituição de ensino apresenta elementos que a torna singular, no caso do IFPI Campus Paulistana a peculiaridade de ser uma escola que trabalha a integração entre o ensino médio e o técnico e a existência de cursos superiores, permitem aos jovens de uma região carente desse tipo de ensino, vislumbrarem uma formação científica, intelectual e o preparo para o mundo do trabalho.

Atualmente o Campus Paulistana oferta 2 cursos superiores (Química e Zootecnia), 4 Cursos técnicos subsequentes (Administração, Agropecuária, Informática e Mineração) e 3 cursos técnicos integrados na área de (Agropecuária, Informática e Mineração). O número alunos matriculados e frequentando a escola totaliza 509 alunos distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite.

A chegada de uma instituição de ensino marca um novo tempo para a cidade que a recebe e também para microrregião da qual faz parte. Criando uma expectativa em torno da redução de desigualdades sociais promovida pelo ensino, essa proposta de educação visa desenvolver as riquezas locais geram estudos de necessidades locais pelos entes educacionais que estabelecem critérios para expansão de seus campi. No caso do Campus Paulistana, estabeleceu-se os seguintes critérios: (PROJETO... .2013, p. 5-6):

> A) A proximidade da escola aos arranjos produtivos instalados em níveis local e regional;
> B) A importância do município para a microrregião da qual faz parte;
> C) Os valores assumidos pelos indicadores educacionais e de desenvolvimento socioeconômico;
> D) A existência de potenciais parcerias para a implantação do Campus, como a Prefeitura Municipal.

Além das atividades em sala de aula, os docentes e discentes realizam visitas técnicas em empresas. Além disso, o processo de formação continuada ocorre com a participação em eventos científicos, realização de pós-graduação *strictu sensu* para professores e técnicos administrativos.

Fotografia 22 – Área central do IFPI - Campus Paulistana

Fonte: Acervo pessoal (2017)

Entre os setores vinculados à estrutura organizacional do IFPI Campus Paulistana destacamos a biblioteca. Sua missão de acordo com Pereira (2011) é desenvolver e colocar à disposição da comunidade interna um acervo que atenda às necessidades de informação voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão.

A prestação de serviços à comunidade interna (servidores e discentes) ocorre por meio do empréstimo domiciliar de materiais bibliográficos e multimídias, empréstimo local de periódicos e materiais de referência, para a comunidade externa o empréstimo é local.

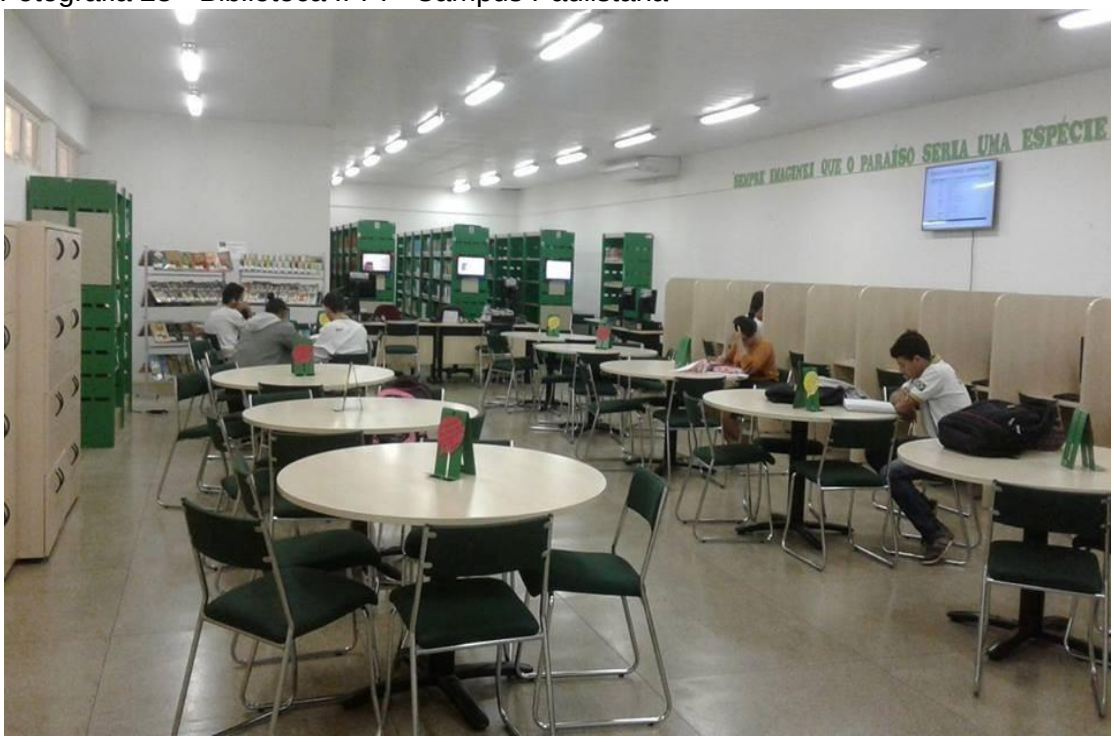
De acordo com Pereira (2011) a Biblioteca do IFPI foi implantada em uma sala pequena, mas que favorecia um ambiente agradável para estudo. Seu corpo administrativo contava com os serviços de 1 bibliotecária, inicialmente, tendo esse número aumentado quando da chegada de mais 1 bibliotecário. Em 2011 o seu acervo contava com 795 livros recebidos por compra e doação e a biblioteca realizou atividades de dinamização e extensão como: O I Arraial da Informação: um Resgate das Tradições Populares e o Projeto Literatura de Cordel Itinerante.

Esse é o retrato de uma unidade de informação que vai além do espaço físico, pois possui uma biblioteca dinâmica e participativa nas atividades escolares.

Atualmente o atendimento na biblioteca é realizado em três turnos por 2 (duas) bibliotecárias e 1 (uma) auxiliar administrativa. Dentre as atividades internas existe o serviço de circulação do acervo (empréstimo, renovação e reserva) de materiais

bibliográficos, a cada turma que ingressa no campus são realizadas visitas guiadas, palestras e treinamentos no sistema Pergamum.

Fotografia 23 - Biblioteca IFPI - Campus Paulistana



Fonte: A autora (2017)

A biblioteca demonstra ações determinantes para a concretização de sua missão, pois favorece o acesso às fontes de pesquisa como: livros, periódicos, DVDs, CDs) e bases de dados; oferece o serviço de Comutação Bibliográfica (COMUT), elaboração de ficha catalográfica pelo próprio autor e Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos. Esses serviços e produtos ficam disponibilizados em: <ibra.ifpi.edu.br/area-do- estudante/biblioteca>.

A biblioteca também desenvolve projetos e eventos que alteram sua dinâmica, a saber: Projeto Música na Biblioteca[8], o Projeto Café Literário[9] e O V Encontro de Bibliotecários do IFPI[10.] .

[8]Objetiva reunir música e estudo em um mesmo espaço buscando melhorar os níveis de concentração dos usuários. Durante a execução das músicas é utilizado o som ambiente. Essa atividade foi testada por meio da aplicação de questionários para avaliar o impacto no processo, o projeto é realizado 1 vez por semana.

[9] Evento realizado anualmente que reúne a comunidade do IFPI Campus Paulistana em torno de uma temática que envolve apresentação teatral, música, mesa redonda, declamação de poesias. Sua primeira 1ª edição em 2015 homenageou Vinicius de Moraes e a 2ª realizada no dia 03 de maio de 2017 tratou sobre a temática da *Ditadura Militar no Brasil* e teve como objetivo a reflexão critico-político do Brasil nesse período e os seus reflexos na atual conjuntura brasileira.

[10]Em Setembro de 2016, a biblioteca realizou o V Encontro de Bibliotecários do IFPI. O evento realizado anualmente tem como objetivo o compartilhamento de experiências e resolução de problemas comuns.

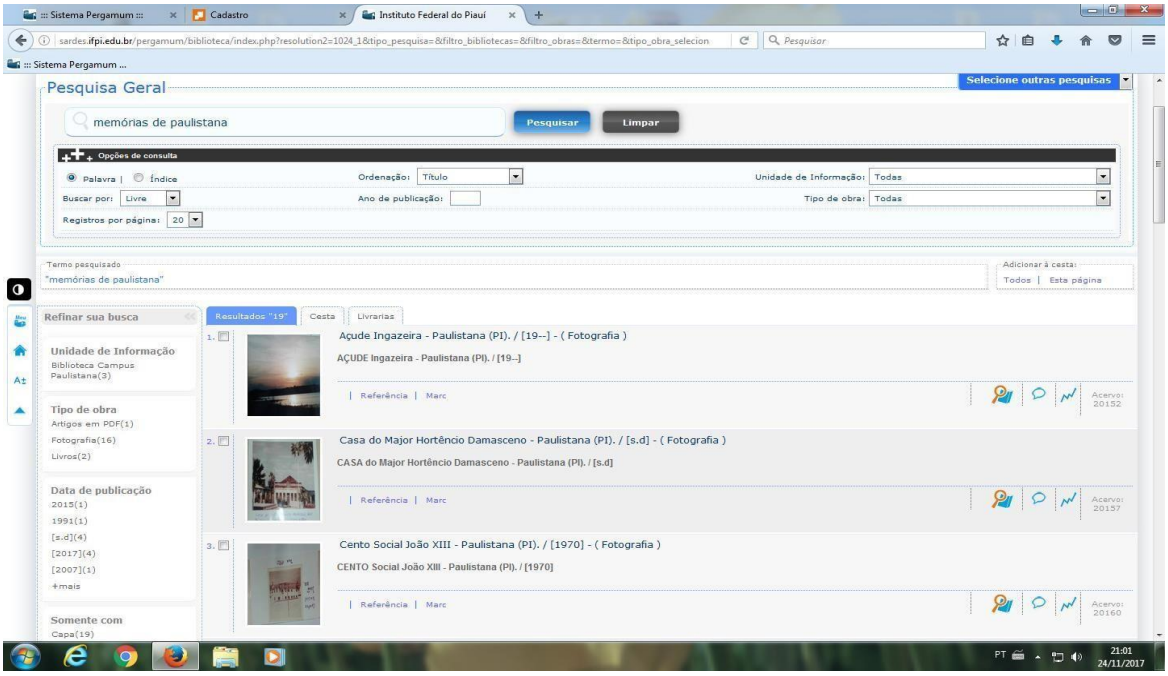
Analisando a perspectiva de preservação da memória a que submete-se a biblioteca do IFPI – Campus Paulistana, fica a afirmação de Azevedo Netto (2007, p. 16) quando aponta que “A relação entre informação e memória só se dá a partir da disseminação [...]. Desta ótica pode-se observar a recuperação, tratamento e disponibilização da informação enquanto referência de memória coletiva”.

Podemos estabelecer no âmbito da organização da informação que o trabalho desenvolvido nessa unidade informacional, contribui ao lado de outras ações, para o acesso e preservação da informação que é um direito de todo cidadão.

A organização da memória da cidade manifesta-se no *Acervo Memórias de Paulistana*, dentre os descritores usados durante a catalogação das obras, temos: Memória histórica - Paulistana (PI) e Paulistana (PI) – Memórias, além desses, também foram usados termos para os assuntos mais específicos referentes a cada documento cadastrado.

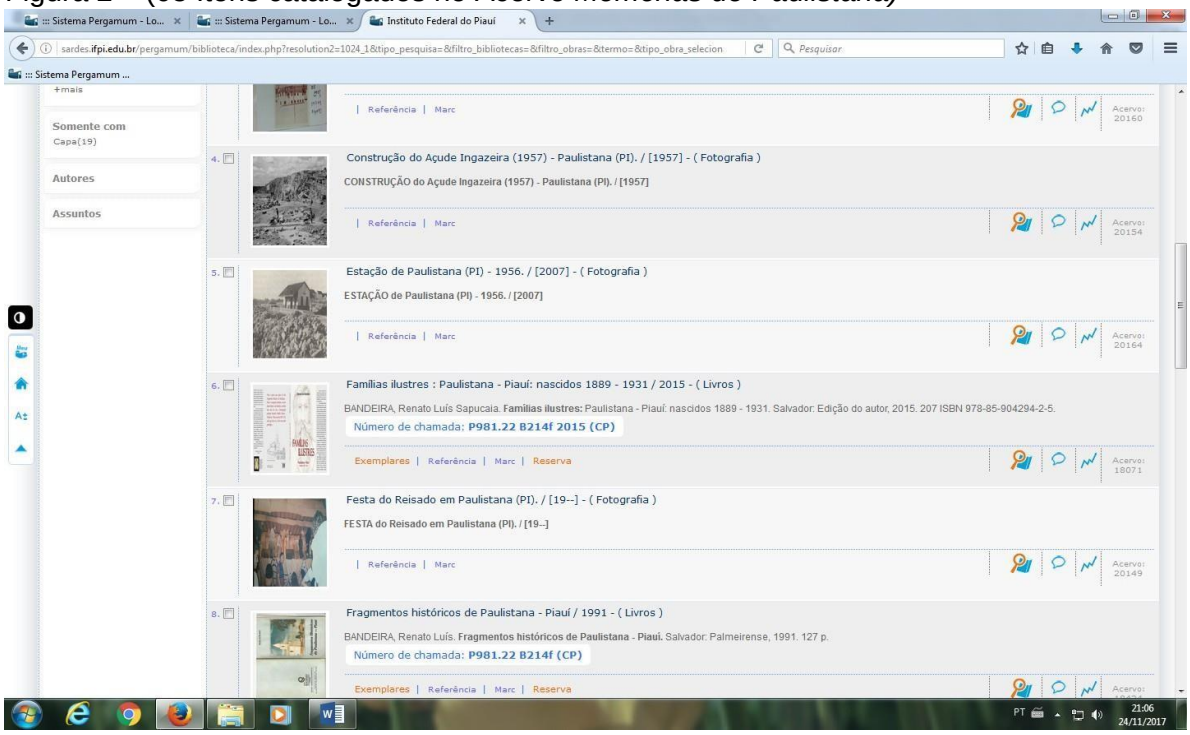
Para demonstração desse acervo, segue planilha (ver figuras 1 a 4) e o Relatório total das obras catalogadas no Sistema Pergamum (Anexo C). O material encontra-se organizado em: <http://sardes.ifpi.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&tipo_pesquisa=&filtro_bibliotecas=&filtro_obras=&termo=&tipo_obra_selecionados>.

Figura 1 – (03 Itens catalogados no Acervo *Memórias de Paulistana)*



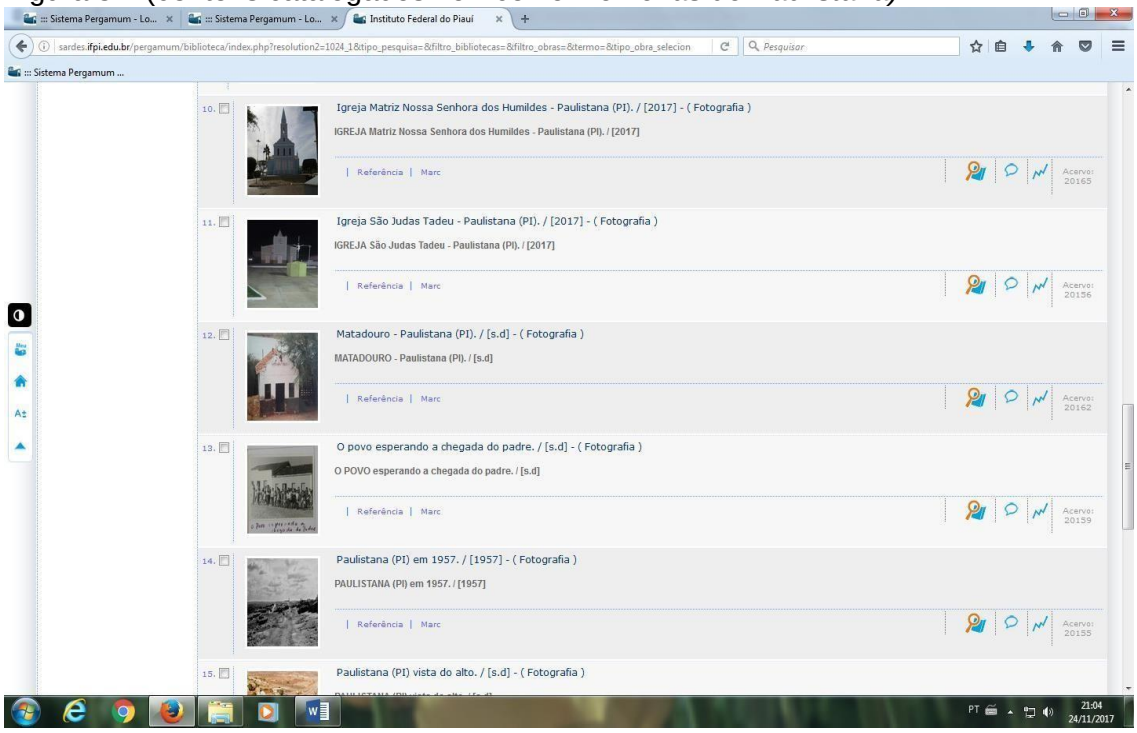
Fonte: Biblioteca Pergamum – IFPI (2017)

Figura 2 – (05 Itens catalogados no Acervo *Memórias de Paulistana)*



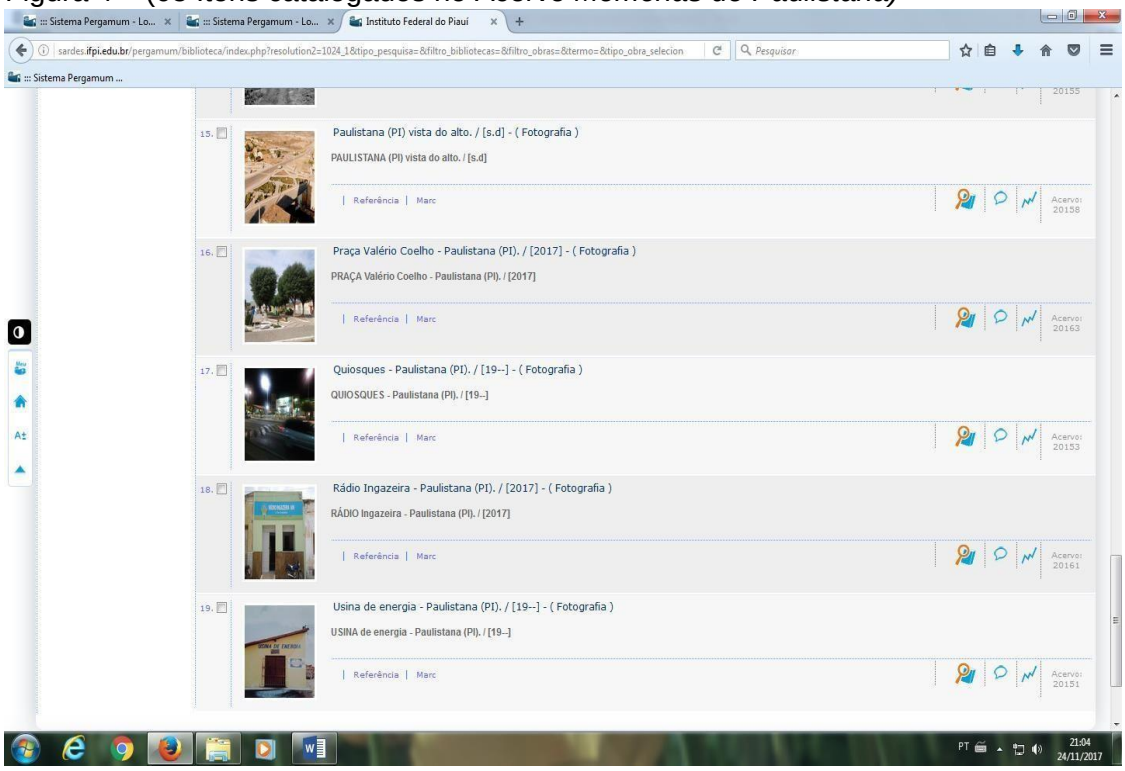
Fonte: Biblioteca Pergamum – IFPI (2017)

Figura 3 – (05 Itens catalogados no Acervo *Memórias de Paulistana)*



Fonte: Biblioteca Pergamum – IFPI (2017)

Figura 4 – (05 Itens catalogados no Acervo *Memórias de Paulistana)*



Fonte: Biblioteca Pergamum – IFPI (2017)

Ao término dessa fase da pesquisa iniciou-se a pesquisa bibliográfica sobre documentário e a reunião documental que contribuíram para a construção de um *Documentário* sobre as memórias da cidade de Paulistana (PI).

6 DOCUMENTÁRIO: a história contada a partir de vozes e imagens

Pretendemos nessa etapa da pesquisa compreender a relação entre documentário e memória. Antes de adentrar nesse universo, é conveniente destacar elementos que tornam singular esse gênero de produção e que o diferenciam do filme de ficção.

Ramos (2008) citado por Dias (2009, p. 2) apresenta-nos a temática que versa sobre documentário e as dificuldades de definição a partir do campo da história e do cinema. Com base na afirmação que segue, podemos verificar certa modificação na forma de fazer esse tipo de produção por volta do século XX:

> Durante muito tempo o conceito de *documentário* era limitado à forma clássica desse tipo de filme, ou seja, um filme marcado pela presença da *voz over*[11] cuja fonte estava fora-de-campo e que tudo sabia a respeito do que era exibido na tela. Segundo o autor, foi apenas nos anos 1990 que filmes de tonalidade mais direta, ou seja, com entrevistas, depoimentos, imagens manipuladas e atuação mais ativa por parte do cineasta no momento da filmagem, finalmente ganharam o status de *documentário*.

No enfoque conceitual a que podemos submeter o termo, Aguiar (2011, p. 239-240) chama a atenção para questões que são comuns quando o assunto é apontar diferenças entre o filme de documentário e o filme de ficção:

> A definição de que o filme documental teria o mundo real como referência não é suficiente, tendo em vista que muitas vezes esse mundo pode ser ainda mais bem representado em produções ditas ficcionais. Ele cria o conceito de 'leitura documentarizante', ou seja, a existência de um efeito – fruto de determinadas estratégias – que leva o espectador a classificar um tipo de cinema como 'documento'.

Bill Nichols em seu livro *Introdução ao documentário* traz alguns elementos capazes de explicar a nossa percepção acerca desse tipo de produção.

---

[11] A autora define "narração em voz over" como: "declarações orais que dizem respeito a qualquer porção de uma narrativa, proferidas por uma entidade que não é e vista e que se situa em um espaço e em um tempo que ficam foram daqueles simultaneamente apresentados pelas imagens na tela" (KOZLOFF, 1988 APUD HACK, 2014, p. 50)

> Em geral, portanto, podemos dizer que o documentário trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos. [...] Não só ativa a nossa percepção estética (ao contrário de um filme estritamente informativo ou instrutivo), como também ativa nossa consciência social. (NICHOLS 2010, p. 102)

Considerando a tarefa de demonstrar ao espectador a importância de determinado assunto, vislumbra-se também o papel social que pode ser desenvolvido pelo documentário. Convencer alguém sobre algo usando imagens e narrativa é um processo interessante, no entanto, devemos considerar que, há contribuições para o êxito do processo e fatores de limitação. Nesse sentido, Alves; Azevedo (2016, p. 128) apontam que:

> Assim como a memória, a narrativa também tem um caráter seletivo. É impossível lembrar-se de tudo e é impossível também tudo narrar, pois, como se sabe, o passado é inapreensível. Mesmo na narrativa histórica, há sempre o trabalho da imaginação na interpretação dos dados documentais pelo historiador.

Além desses, há outros elementos que são trazidos á tona para nossa observação e apontados por Nichols (2010) que relata que em cada documentário pelo menos 3 (três) história se entrelaçam que seriam a do cineasta, a do filme e a do público.

O tópico que gera um documentário, surge das inquietações de alguém, da vontade de revisitar uma história ou de retratar acontecimentos do cotidiano que suscitam debate.

Em Ramos (2008) apud Dias (2009, p. 2-3) verificamos conceitos e características referentes ao tema. Ele destaca documentário como “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo”. E nesse mesma obra e páginas, o autor completa que esse tipo de produção:

> É definido pela *intenção* de seu autor de fazer um documentário (*intenção* social, manifesta na *indexação* da obra). [...] destaca-se: presença de locução (voz *over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais. [...] Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de rotei.

Outra consideração importante é a de Fernão Pessoa Ramos (2012) durante sua entrevista concedida ao programa *Diálogo sem fronteira.* Ele chama a atenção

para o perigo de se compreender o documentário a partir de determinadas características tidas como universais, como a presença do *caráter real* e destaca algumas características dominantes desse tipo de produção como: o depoimento, a entrevista, o fato de que o documentário trabalha com atores amadores e com roteiro. O relato histórico aponta que, a estrutura de um filme de documentário nem sempre obedeceu aos mesmos critérios e sequencias. A leitura do texto de Puccini (2012. p. 15) demonstra que as diferenças na elaboração de gêneros de ficção existiram e que esse tipo de produção baseado inicialmente no roteiro perdurou por anos. No período que compreende os séculos de 1920 a 1950 destacou-se o documentário clássico.

Sem nos aprofundarmos sobre os motivos para tal modificação no planejamento de filme de ficção ou de documentário, faremos uso do pensamento de Puccini (2012. p. 15) onde é sinalizada uma ruptura nesse modelo:

> Ficará abolida a obrigatoriedade da escrita de um roteiro no período pré-produção. Falar em roteiro, agora, só terá sentido na etapa de pós-produção do filme. O filme será resultado de um árduo trabalho de montagem, que será feita valendo-se de muito material filmado.

A escolha de um tema, o planejamento e a efetivação de um projeto de documentário passa por fases de Pré-produção, Produção e Pós-produção. Desse processo, há uma etapa essencial que é descrita por Puccini (2012, p. 16):

> Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. [...] a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação, a escolha de locações e cenários, a definição de cenas, sequencias, até chegar uma prévia elaboração dos planos de filmagem, dos enquadramentos, do trabalho de câmera e som [...].

Podemos a partir dessa afirmação, compreender que roteirizar é essencial na produção de um documentário e que efetiva-se ao longo da produção. É esse processo que situa o produtor do filme e que cria uma espécie de fio condutor da história.

Outro momento interessante está relacionado à fase da filmagem, onde entram elementos como câmera, imagem, som, o local e as entrevistas. É uma fase onde erros e surpresas podem acontecer. De acordo com Puccini (2012, p. 67) o:

> Mapeamento das sequencias feito no tratamento do documentário serve como guia para o levantamento das situações de filmagem exigidas pela produção. Todo o planejamento da filmagem de um documentário dependerá de quais forem essas situações de filmagem previstas pelo tratamento.

A pós-produção apresenta a etapa da montagem, ela pode ser resultado de um conjunto de procedimentos anteriores. A ideia inicial, a escolha do tópico, o roteiro, a filmagem, podem substanciar esse processo que se configura praticamente como o fim do caminho.

De fato, muito já foi percorrido até esse momento, o êxito em fases anteriores pode ser um ponto positivo também para a etapa da montagem, mas se nem tudo se encaixou, nesse momento cabe a criatividade e a originalidade do montador.

> A etapa de montagem (ou edição) do filme documentário marca o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme. Todo o processo de montagem se inicia com a análise do material filmado, tanto das imagens como dos sons captados. A experiência de filmagem, bem como o contato com o universo abordado, pode subverter noções preliminares esboçadas na pré-produção, criando novos focos de interesse para o filme, o que obriga, ao realizador, pensar em uma nova organização do material, que incorpore essas mudanças. (PUCCINI 2012, p. 101)

A produção de um filme requer planejamento, argumentação, pesquisa e o cuidado com as questões éticas. O produto é resultado de um conjunto de abordagens teóricas e práticas que partem da ideia inicial do produtor até o momento em que esse é colocado na tela ou em qualquer outro suporte para a visualização.

6.1 UM DOCUMENTÁRIO PARA A CIDADE DE PAULISTANA (PI)

A construção do documentário teve como base teórica autores como Puccini (2012) e Nichols (2005). Além dessas fontes, produção foi composta por imagens fotográficas e relatos de 4 entrevistados. Durante essa trajetória as fotografias foram importantes fontes históricas que contribuíram para a concretização desse empreendimento. Nossa escolha por esse tipo de fonte baseou-se no pensamento de Azevedo; Silva; Rocha, (2010, p. 11):

> As fotografias tornam-se expressões da memória coletiva, portanto, de documentação e de identificação (significado) de um povo, de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. [...] é um modelo de representação da memória que sobrevive bem ao tempo, mesmo que o sujeito esqueça detalhes ao recordar (a memória externa sofre modificações diversas e atualizações), possivelmente ao rever fotografias ele passa a relembrar pessoas, fatos e lugares.

Consideramos que a qualidade desse tipo de produção depende da organização das etapas e do material de arquivo coletado, das falas dos entrevistados, da sequência dos fatos, da narrativa, do som e da ideia central.

A justificativa para tal cuidado no processo de produção pontuou também sobre o fator credibilidade e confiança por parte do espectador do filme. Aguiar (2011, p. 241) apresenta um argumento que fortalece nossa afirmação:

> O uso de materiais de arquivo de diferentes naturezas, organizados como 'provas', remete à tradição do gênero documentário em buscar estratégias que passem ao espectador a sensação de autenticidade. A voz *over* é um dos elementos fundamentais para direcionar esse olhar. Porém, mesmo em cenas com som direto, sua inserção na linha argumentativa delimitada pela montagem reforça o ponto de vista dos realizadores.

A proposta de contar a história da cidade por meio de um documentário valeu-se da construção historiográfica a partir da pesquisa. Para abordar esses fatos históricos e culturais adotando o espaço e o tempo, foram necessárias ações como: pensar a narrativa, pesquisar sobre a cidade, encontrar pessoas para as entrevistas e refletir sobre as questões para elaboração do roteiro.

Pensar a história no todo requer juntar pedaços e uni-los para que ao fim o produto consiga servir como ferramenta social para reflexão, entretenimento e apoio educacional. A mensagem que o documentarista deseja passar segue uma linha de raciocínio que se transporta uso de imagens e sons para um suporte físico (DVD) ou outro meio digital. Mesmo diante de todo planejamento, a proposta pode sofrer modificações, os caminhos podem ser alterados, o que atesta o caráter da flexibilidade que o documentário abarca.

Puccini (2012) aponta seis questões que tratam sobre as funções do argumento dentro das etapas da produção de um filme documentário, são elas: o que, quem, quando, onde, como e por quê. São questionamentos que, segundo o autor devem ser respondidas com base no material coletado na etapa da pesquisa. Em nosso entendimento essas questões permeiam o imaginário do produtor desde

o início dos trabalhos.

Fazendo uso dessas indagações, iniciamos o processo de roteirização e produção do documentário sobre a cidade de Paulistana.

ROTEIRO – DOCUMENTÁRIO

MEMÓRIAS DE PAULISTANA (PI): de vila à cidade

Fazendo uso dessas indagações, iniciamos o processo de roteirização do Documentário sobre a cidade de Paulistana (Piauí).

1. O que?

Retratar a memória da cidade de Paulistana (Piauí) por meio de um documentário;

2. Quem?

A população de Paulistana foi o público-alvo (considerado que cada morador faz a história da cidade), no entanto, apenas 3 moradores e 1 escritor sobre a história da cidade foram entrevistados.

3. Quando?

O período histórico foi o do desbravamento da cidade até a atualidade.

4. Onde?

O Bairro da Correnteza (local histórico) e outras partes centrais da cidade de Paulistana. Esse espaço conta com a igreja matriz Nossa Senhora dos Humildes, a Rádio Ingazeira, a Praça Valério Coelho, casas, matadouro, a oficina de energia, a estação ferroviária e açude Ingazeira, o centro da cidade em *Dia de Feira*, Igrejas evangélicas, Igreja São Judas Tadeu e os quiosques localizados na BR 407.

5. Como?

A narrativa fez um retrospecto da formação histórica e cultural da cidade adotando a sequência dos fatos que iniciou-se do passado para o presente.

6. Por quê?

A produção do documentário justificou-se pela necessidade de preservação da memória da cidade. Esse material reuniu uma gama de informações fotográficas, com auxilio de narrativas tornando-se uma fonte de pesquisa para interessados em conhecer a história da cidade de Paulistana (Piauí).

A PRODUÇÃO

A produção desse filme foi de 39 minutos e 37 segundos em mídia no formato DVD com tela de abertura e encerramento em preto e branco.

O documentário intitulado ***Memórias de Paulistana (Piauí):*** *de vila à cidade*, teve como composição 4 (quatro) entrevistas de idosos falando sobre a formação histórica de Paulistana e relembrando espaços da cidade, um conjunto de fotografias da cidade e um texto resumo sobre as memórias de Paulistana.

A estrutura de apresentação do documentário trouxe na abertura um mapa do Brasil, com um ponto de localização para o mapa do estado do Piauí e em seguida apresentou a vista aérea da cidade de Paulistana.

Iniciamos a sequência de entrevistas com o Sr. Renato Luís Sapucaia Bandeira, escritor da obra *Fragmentos históricos de Paulistana Piauí. A* abordagem histórica apontada por ele apresentou de forma breve o contexto histórico da cidade relembrando o processo de desbravamento ao momento em que o curral de gado chega à categoria de cidade.

A segunda entrevista foi realizada com a Srª. Maria do Socorro Coelho, moradora da cidade que abordou as temáticas: história de Paulistana, ela relembrou espaços que foram modificados ou já não existem na cidade e falou de suas lembranças em torno da história da educação na cidade. A terceira entrevista foi com o Sr. Demétrio José de Souza também morador, nascido em Paulistana na região da Correnteza. Sua entrevista ocorreu inicialmente em sua residência, mas nos deslocamos para outros locais como: Praça da Correnteza, Igreja Matriz e rua onde funcionava o *Clube Redondinho*.

Na sequência foi exibida a entrevista de Srª. Davina Antonia da Conceição, moradora da cidade, conhecedora e participante ativa do reisado que ocorria na cidade, do *Clube Redondinho* e da região da Correnteza há anos atrás.

A estrutura de produção fundamentada em entrevistas ocorreu na perspectiva de dar voz aos relatos orais de idosos conhecedores e mantenedores de memórias da cidade de Paulistana, lembranças particulares que talvez não sejam encontradas nos livros de história.

Encerrada as falas dos moradores, apresentou-se um conjunto de fotografias antigas e atuais dos espaços e momentos da cidade com o hino da cidade ao fundo. A penúltima etapa do documentário deu-se com a narração de um texto elaborado por nós sobre memórias de Paulistana, essa narrativa aborda a nossa percepção sobre a representação histórica da cidade a partir da história oficial e da oralidade, o fundo musical que acompanhou o momento foi o instrumental de Chopin. O texto resumo da pesquisadora consta em Apêndice U.

A última etapa do documentário deu-se com os agradecimentos que estenderam-se aos moradores que contribuíram com a produção por meio da autorização de suas imagens ou de fotografias de seu acervo pessoal. A lista de créditos dirigiu-se à produtora, a roteirista, os filmadores, a revisora geral e à responsável por edição e legendagem do filme.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção dessa pesquisa culminou com a afirmação do importante papel da informação no processo de preservação da memória, proporcionando visibilidade aos documentos que foram coletados em campo, que servem como testemunho do valor histórico da cidade de Paulistana. Reafirmou-se a assertiva de que os registros documentais recuperados e organizados no acervo encontram-se disponibilizados para consulta.

Os referenciais teóricos utilizados produziram uma reflexão sobre o papel da informação na constituição da memória coletiva ao contrário do que ocorre quando a informação histórica encontra-se histórica dispersa.

Analisando o desenvolvimento da pesquisa verificamos que algumas situações desenharam-se de forma positiva, dentre elas:

✓ A viabilidade da pesquisa uma vez que existiam alguns registros documentais sobre a cidade e coube à pesquisadora localizá-las e organizá-las;

✓ Além do documento institucional, livros e fotografias produzidas por pessoas físicas, a pesquisa proporcionou a criação de fontes de memória, a saber: a dissertação de mestrado, o documentário e fotografias da cidade que a pesquisadora produziu durante a pesquisa de campo;

✓ O levantamento de fontes de informação foi produtivo, isso porque tivemos contribuições importantes de moradores da cidade que nos cederam fotografias para reprodução ou participaram de entrevistas e outros que indiretamente nos ajudaram informando sobre idosos que poderiam contribuir com a pesquisa;

✓ A pesquisa proporcionou uma espécie de reconhecimento e identidade de moradores com os quais tivemos contato, eles nos relataram a importância da preservação da memória da cidade;

✓ A Biblioteca do IFPI – Campus Paulistana contribui com esse trabalho para a preservação dessa memória, pois suas infraestruturas físicas e humanas foram importantes para a concretização do *Acervo Memórias de Paulistana.*

No quadro de observações que foram modelando-se ao longo da pesquisa, descrevemos os seguintes fatos:

✓ Embora a pesquisadora tenha conseguido recuperar alguns documentos e realizado entrevistas, não foi possível localizar imagens de lugares e momentos importantes como o do *Clube do Redondinho* e o *Clube dos Brancos* (como são

conhecidos);

✓ Constatou-se em campo e nas falas de moradores da região da correnteza que algumas construções antigas foram demolidas ou modificadas. Esse espaço por sua estrutura física e importância para a historiografia local não foi tombado o que de certa forma compromete esse registro de memória;

✓ Identificou-se por meio das falas de moradores em visitas que realizamos que as pessoas não tinham o hábito de fotografar e por esse motivo, algumas imagens importantes não puderam ser recuperadas;

✓ A cidade de Paulistana necessita de registros documentais que abordem diversos aspectos de sua história que hoje são verbalizados em oratória, sua memória concentra-se em parte nas lembranças de idosos;

✓ As visitas às instituições públicas como Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura de Paulistana e Câmara dos Vereadores foram um momento oportuno para identificar que nesses espaços não existem esse tipo de organização documental da memória da cidade;

✓ Aspectos importantes dessa história não foram alcançados em sua totalidade na pesquisa como: registros em livros e/ou fotografias sobre a existência de escravos na região da correnteza no passado;

✓ A cidade de Paulistana não conta com uma Política de preservação de Patrimônio Cultural. A região da Correnteza poderia ter sido preservada, no entanto, casas centenárias foram demolidas e prédios modificados.

Além dessas, outras considerações são necessárias considerando o campo prático, a saber:

✓ A cidade de Paulistana com essa pesquisa conta com parte de sua memória representada em variados tipos de fontes de informação;

✓ A Biblioteca do IFPI - Campus Paulistana sendo a responsável por esse acervo deverá divulgá-lo no site da Prefeitura Municipal de Educação e da Secretaria Municipal de Educação;

✓ A Biblioteca Pública Municipal receberá 1 exemplar da dissertação e 1 DVD do Documentário de forma que possa também contribuir para a preservação dessa memória.

Após análise do potencial desenvolvido pela pesquisa, suas contribuições e

momentos não alcançados, faz-se a reflexão de que todos os sujeitos elencados durante o trabalho como: os entrevistados, os moradores que contribuíram com a doação de documentos, os moradores que autorizaram a reprodução de fotografias e os que atuaram indicando nomes e lugares para nossa visitação, configuraram-se como protagonistas da pesquisa. Nossa participação nos permitiu atuar como bibliotecária consciente do papel de mediadora da informação, que realizou um trabalho de organização da informação histórica da cidade de Paulistana - de forma descritiva, sob uma visão reflexiva - que foi permitido mediante o uso de técnicas biblioteconômicas.

Ciente de que o processo de construção do conhecimento não é estático e não existem verdades absolutas, as considerações aqui elencadas poderão ser corroboradas ou não por outros pesquisadores e/ou interessados na temática. Para tanto, acredita-se no potencial da pesquisa para a construção da memória da cidade de Paulistana ao lado de outras já realizadas e outras que estão por vir.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carolina Amaral. Cinema e história: documentário de arquivo como lugar de memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 62, p. 235-250. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v31n62/a13v31n62.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

ALBUQUERQUE Cleodon. **Cleodon Albuquerque**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: Francisca das Chagas Viana. Paulistana, 2017. 1 gravação de vídeo por aparelho de celular. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado de Francisca das Chagas Viana intitulada *Preservação da memória da cidade de Paulistana: a importância da informação histórica para a construção de um legado.*

ALVES, Miriam; AZEVEDO, Dúnya. Cinema documentário e os arquivos da memória. **Revista Mídia e cotidiano**, [Rio de janeiro], n. 8, p. 122-136, mar. 2016. Disponível em:<http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/view/249/203>. Acesso em: 25 mar. 2017.

APRESENTAÇÃO. Disponível em: <http://libra.ifpi.edu.br/acesso-a-inormacao/institucional/apresentacao>. Publicado em 8 de julho de 2016. Acesso em: 15 de março de 2017.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Educação para democracia. In: **. História da educação e da pedagogia**: geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006. P. 239-291.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Informação e memória: as relações na pesquisa. **História em reflexão,** Dourados, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2007. p. 1-20. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/412/302.>. Acesso em: 5 nov. 2016.

AZEVEDO NETO, Carlos Xavier; SILVA, Tahis Virginia Gomes da; ROCHA, Silvia Regina da Mota. Modelo Semiótico informacional como instrumento de recuperação da memória: interface entre ciência da informação e semiótica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CI, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/viewFile/3605/2729>. Acesso em: 25 mar. 2017.

BANDEIRA, Renato Luís Sapucaia. **Fragmentos históricos de Paulistana – Piauí**. Salvador: Palmeirense, 1991. 127 p.

BARROS, José Márcio. Cultura, memória e identidade contribuição ao debate**.** **Cadernos de história**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p.31 – 36. 1999. Disponível em:<periódicos.pucminas.br/index.php/cadernohistoria/article/view/1696/1817>. Acesso em: 12 out. 2016.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. In: **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 16.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In:_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Atelié editorial, 2003. p. 13 – 48.

_____. Memória da cidade: lembranças Paulistanas. In:_____. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. P. 69 – 77.

BORGES, Jóina Freitas. Sob os areais: histórias de vida. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos. **História em poliedros**: cultura, cidade e memória. Teresina: EDUFPI, 2008. P. 79 – 106.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento?**.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008. **Anais eletrônicos**... São Paulo: ANCIB/USP, 2008, p. 1-14. Disponível em:**<**http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3016/2142>. Acesso em: 10 de jan. 2017

BRASIL. Ministério da cultura. Fundação Cultural Palmares. Portaria nº 187/2017. **Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQs**). atualizada até a portaria nº 268/2017, publicada no dou de 02/10/2017. [Brasília], 2017. p. 78. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/file/2017/10/CERTID%C3%95ES-EXPEDIDAS-%C3%80S-COMUNIDADES-REMANESCENTES-DE-QUILOMBOS-03-10-2017.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

BRASIL. Portaria nº 107, de 29 de janeiro de 2010. Autoriza o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí a promover o funcionamento do Campus Paulistana – PI. **Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil,** Poder executivo, Brasília, DF**,**1 fev. 2010. Seção 1, n. 21, p. 14. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=14&data=01/02/2010.>. Acesso em: 21 mar. 2017.

CACIQUE Pequena. A mulher na terra da encantada: entrevista. Entrevistador: Rômulo Costa. Ceará: Jornal de hoje. Páginas azuis. 07 de março de 2016. Disponível em:<http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2016/03/07/noticiasjornalpaginasazuis,3584673/a-mulher-na-terra-da-encantada.shtml>. Acesso em: 9 de jan. 2017.

CAIXETA, Juliana Eugênia. **Guardiãs da memória:** tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos. 2006. 224 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília. 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6213/1/Juliana%20Eug%C3%AAnia%20Caixeta.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

CASTELO BRANCO, Julinete Vieira. Colhendo Memórias: entrecruzando falas, olhares, temos e vivências. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos (Orgs.). **História em poliedros**: cultura, cidade e memória. Teresina: EDUFPI, 2008. p. 47.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. Pesquisa; conceitos e definições. In:_____. **Metodologia científica.** 6. ed**.** São Paulo: Person. 2007. P. 57 – 70.

COSTA, IcléiaThiesen Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação do CNPQ/IBICT, Rio de Janeiro. 1997**.** Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/686>. Acesso em:5 jan. 2017.

DIAS, Rodrigues Francisco. Em busca da definição: mas afinal... o que é mesmo documentário? De Fernão Pessoa Ramos. **Revista de História e estudos culturais,** v. 6, n. 2, ano 6, abr./jun. 2009. Disponível em:<http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf> Acesso em: 28 mar. 2017.

ELLIOTT, Ariluci Goes. **Informação, imagem e memória**: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua Portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. P. 570.

FONSECA NETO. **Valério Coelho:** Tricentenário. Disponível em:<http://blogdoevangelista.com.br/2013/09/12/artigo-valerio-coelho-tricentenario-por-fonseca-neto/?replytocom=114474>. Acesso em: 02 nov. 2017.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. Estações ferroviárias do Brasil. Município de Paulistana, PI. Atualização: 25.11.2012. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/paulistana.htm>. Acesso em: 05 nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In:_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo**:** Atlas, 2010. P. 25 – 43.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e memória individual. In:_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice: 1990. p. 16 - 40**.**

HALL, Stuart. A identidade em questão. In:_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Luro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. P. 9 – 16.

HISTÓRICO**.** Ação Griô Nacional, 2014. Disponível em: <http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-a-lei-grio/historico>. Acesso em: 10 jan. 2017.

HOMENAGEM a Sotigui Kouyté. Disponível em: <revistamododeusar.blogspot.com.br/2010/08/sotigui-kouyate-1936-2010.html.>. Acesso em 05 jan. 2017. 2010.

INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ. **Plano de desenvolvimento institucional PDI (2015-2019).** Teresina, 2014. Disponível em: <http://libra.ifpi.edu.br/acesso-a-informacao/institucional/plano-de-desenvolvimento-institucional>. Acesso em: 16 mar. 2017

JARDIM, Mara Pubio de Souza Veiga. **O guardião da memória**. Dissertação - (Mestrado Profissionalizante em questão do Patrimônio cultural) 2004. 93 f. Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2004. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2279>. Acesso em 20 dez. 2016.

LAMPARINA de história. Direção: Júlia Barros. Produção: Enquadro filmes/Casa da prosa. [Fortaleza]. 2013. 1 vídeo documentário (26 min.), son. Color. Documentário contemplado no edital BNB de cultura – edição 2012. – parceria BNDES. Disponível em: <http: //vimeo.com/99335710>. Acesso em: 10 dez. 2016.

LARAIA, Roque de Barros. Antecedentes históricos do conceito de cultura. In:**_. Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. Coleção Antropologia Social. p. 25-29.

LE GOFF, Jacques. Memória. In:**___**. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. Tradução Bernardo leitão [et al]. Coleção Repertórios. p. 366 – 420.

LIZUKA, Silvana Dudoris Vitorelo. **Cor do lugar:** identidade e memória. 2014. 185 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, São Paulo. 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-02092015-151955/pt-br.php>. Acesso em: 20 jan. 2017.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95 – 108. 2011. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>.
Acesso em: 06 ago. 2016.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentim. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. **Data Grama Zero** - Revista de Ciência da Informação,v.9, n.6, p. 1-16, dez. 2008. Disponível em: <basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/763>. Acesso em: 7 nov. 2016.

NICHOLS, Bill. De que tratam os documentários?. In:**_____**. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Papirus, 2005. P. 93- 115.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Prog. História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.ph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 10 set. 2016**.**

OLIVEIRA, Danielle Alves de. **A informação patrimonial e a construção da memória**: uma análise das estratégias de preservação da memória do IPHAN e do IPHAP. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba. 2013. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/3943?locale=pt_BR#preview-link0 >. Acesso em: 5 dez. 2016.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Pressupostos básicos da pesquisa qualitativa. In:____. C**omo fazer pesquisa qualitativa.** 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2007. P. 25 – 40.

PEREIRA, Ana Úrsula Farias. **Relatório da Biblioteca Campus Paulistana 2011**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <franciscavianathe@ifpi.edu.br > em 20 mar. 2017.

PIAUÍ - Paulistana. IBGE – cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=220780&idtema=16 &s earch=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>. Acesso em 05 nov. 2017

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. (Biblioteca Básica). P. 163 – 198.

PROJETO Político Pedagógico - IFPI Campus Paulistana (2013). [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <franciscavianathe@ifpi.edu.br>. Acesso em: 21 mar. 2017.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: da pré-produção à pós-produção. 3.ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção Campo Imagético)

O QUE É O GRIÔ?. Disponível em: <http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-grio/>. Acesso em: 10 jan. 2014.

QUIOSQUES da praça dão uma nova paisagem a Paulistana. Disponível em:**<**http://blogdoevangelista.com.br/2014/06/10/dnit-vem-mais-uma-vez-a-paulistana-quiosques-da-praca-de-alimentacao-tambem-serao-desocupados>. Publicado em: 28/08/2011. Acesso em: 12 fev. 2017.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O Cinema, o documentário e o Brasil**: entrevista [abr. 2012]. Entrevistador: Pedro Paulo Funari, 2012. 1 gravação de vídeo. Entrevista concedida para o Programa Diálogo sem fronteira. Uma produção do Centro de Estudos Avançados - Unicamp. Disponível em: <http: www.youtube.com/watch?v+NaD5K8LQjnQ>. Acesso em: 01 abr. 2017.

SANTOS, José Luiz dos. Cultura e diversidade. In:_____. **O que é cultura**. São

Paulo: Brasiliense, 2012. Coleção Primeiros Passos; 110. p. 7-20.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Teoria e prática científica. In:_____. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo**:** Cortez. 2007. P. 99- 126**.**

SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. **Informação, história e memória**: a constituição social a informação em relatos orais. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação da Escola de Ciência da Informação. Minas Gerais. 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECIC - 8J3P7F/dissertacao_shikida.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 nov. 2016.

SILVA, Adriano Larentes Da. **Fazendo Cidade:** A construção do urbano e da memória em São Miguel do Oeste-SC. 2004. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87700> Acesso em: 12 jan. 2017.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, 2014. Disponível em:<www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewfile/20337/11264>. Acesso em: 10 out. 2016.

SOTIGUI Kouyaté: um griot no Brasil. Direção: Alexandre Handfest. Produção: Sesc SP. Local: São Paulo. 2006. 1 vídeo documentário (57:08 min.), son., color. O documentário traz o ator, diretor e griot africano, falando da missão de passar adiante seus conhecimentos, a memória do continente e da importância da escuta para arte, comunicação e vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjI>. Acesso em: 20 dez. 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TRICENTENÁRIO de Valério aconteceu e foi uma das maiores e mais importantes festas já realizadas em paulistana. Disponível em: <http://valeriocoelho.blogspot.com.br/2014/04/tricentenario-de-valerio-aconteceu- e.html?m=0>. Aceso em: 10 out. 2017.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de doação de livros - Renato Luís Bandeira

TERMO DE DOAÇÃO

BIBLIOTECA – CAMPUS PAULISTANA

Eu, RENATO LUÍS SAPUCAIA BANDEIRA nacionalidade_____ estado civil_____ profissão_____, CPF_____, RG_____, órgão_____, e-mail_____ telefone_____, residente_____ _____, CEP:_____, por meio desse documento e por livre espontânea vontade, procedo a doação à biblioteca do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Paulistana, sem condições ou encargos de qualquer natureza, o(s) material(ais) informacional (ais) abaixo listado(s), transferindo-lhe desde já irrevogavelmente, toda a posse, jus e domínio que exercia sobre os referidos bens. Declaro estar ciente de que o(s) material(ais) doado(s) estará(ão) sujeito(s) a avaliação das bibliotecárias, com o escopo de determinar a incorporação ou não do(s) material(ais) no acervo, e se após analisado(s) não seja(m) considerado(s) de interesse ou necessário à entidade recebedora, AUTORIZO-A a encaminhá-lo(s) para outro(s) espaço(s) de leitura(s) ligado(s) a órgão(s) público(s) ou privado(s) ou ainda, descartá-lo(s), obedecendo, assim, a política de desenvolvimento de coleções da unidade de informação recebedora da doação.

OBS:

1. Somente serão aceitas doações de material original.
2. Constar no(s) livro(s) o nome do doador: SIM ou NÃO

Paulistana, 04 de Fevereiro de 2017.

RSBandeira

Nome do Doador

Rodovia 407, s/n – Lagoa dos canudos – CEP 64750-000 – Paulistana-PI
Biblioteca-paulistana@ifpi.edu.br

Apêndice B – Continuação da Lista de itens doados pelo Sr. Renato Luís Bandeira

LISTA(S) DO(S) MATERIAL(AIS) DOADO(S)

TÍTULO: Nova Redenção: sua história seus encantos
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2013
QUANTIDADE: 1

TÍTULO: Famílias ilustre: Paulistana – Piauí nascidos 1889 - 1931
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2015
QUANTIDADE: 1

TÍTULO: Chapada Diamantina: história, riquezas e encantos
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2014
QUANTIDADE: 1

TÍTULO: A guerra dos coronéis e os garimpos na Chapada Diamantina
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2014
QUANTIDADE: 1

Rodovia 407, s/n – Lagoa dos canudos – CEP 64750-000 – Paulistana-PI
Biblioteca-paulistana@ifpi.edu.br

Apêndice C – Continuação da Lista de itens doados pelo Sr. Renato Luís Bandeira

TÍTULO: A Coluna Prestes na Bahia: trilhas, combates e desafios
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2016
QUANTIDADE: 1

TÍTULO: Onavlis e o macaco fujão
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2013
QUANTIDADE: 1

TÍTULO: O menino que comia a letra H
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2013
QUANTIDADE: 1

TÍTULO: Onavlis e o amiguinho extraterrestre
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2013
QUANTIDADE: 1.

TÍTULO: Onavlis em busca da cidade perdida
RESPONSAVEL PELA EDIÇÃO: Edição do autor
AUTOR: BANDEIRA, Renato Luís
ANO: 2013
QUANTIDADE: 1

Apêndice D – Termo de Livre Consentimento Esclarecido - Srª Davina Antonia da Conceição

2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu DAVINA ANTONIA DA CONCEIÇÃO, nacionalidade _____, estado civil _____, portador do RG _____ e CPF sob nº _____ residente - _____, AUTORIZO a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer investigações científicas e divulgar imagens da pessoa acima citada em todo e qualquer material entre, filmagens, gravação de voz, fotos e documentos de forma escrita em livros, artigos, etc. ou mídia visual em fotos e filmes para FINS DIDÁTICOS de PESQUISA. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e no exterior. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, concordo em dele participar e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Dalva Maria Pereira

Paulistana, 25 de agosto de 2017

Apêndice E – Termo de Livre consentimento Esclarecido- Sr. Demétrio José de Sousa.

2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu DEMÉTRIO JOSÉ DE SOUSA, nacionalidade _____, estado civil _____, portador do RG _____ e CPF sob nº _____ residente - _____

_____

. AUTORIZO a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer investigações científicas e divulgar imagens da pessoa acima citada em todo e qualquer material entre, filmagens, gravação de voz, fotos e documentos de forma escrita em livros, artigos, etc. ou mídia visual em fotos e filmes para FINS DIDÁTICOS de PESQUISA. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e no exterior. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, concordo em dele participar e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Ana Raquel da Costa Sousa

Paulistana, 25 de agosto de 2017

Apêndice F- Roteiro de entrevista - Davina Antonia da Conceição

DIARIO DE CAMPO

Paulistana (Piauí) 12/09/2017
Entrevista realizada com Srª Davina Antonia da Conceição
Horário: 9:40
Local: Residência do Srª. Davina
Não foi possível o deslocamento da entrevistada, pois a mesma já tem idade avançada e sofreu uma queda recentemente. A dificuldade de mobilidade da senhora foi respeitada e não interferiu no andamento do processo da entrevista.
A filmagem e gravação da entrevista foram realizadas pelo senhor Alvino Rodrigues.A entrevistadora precisou usar um tom de voz mais alto, pois a senhora Davina tem dificuldade auditiva.
O roteiro da entrevista foi lido previamente à entrevistada e sua filha Dalva Pereira que se fez presente no momento.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Meu nome é Francisca das Chagas Viana, sou mestranda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri – Campus Juazeiro do Norte (Ceará).

O título do meu trabalho é **PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA (PIAUÍ)**: a importância da informação histórica na construção de um legado.

Agradeço sua colaboração em conceder essa entrevista que muito enriquecerá o trabalho.

1 Identificação:
Qual seu nome completo?
Data de nascimento:
Onde a senhora nasceu?

2) A senhora é uma referência do reisado na cidade. Fale um pouco sobre a festa.

3) E porque a festa acabou? Faz tempo?

4) Como era a cidade antigamente? A senhora lembra?

5) A senhora frequentou o Clube *Redondinho?*

Obrigada!

Apêndice G - Roteiro da entrevista - Demétrio José de Sousa

DIARIO DE CAMPO

Paulistana (Piauí) 12/09/2017
Entrevista realizada com Sr Demétrio
Horário: 9:00
Local: Residência do entrevistado, Praça da Igreja Matriz e Rua da Correnteza onde fica a casa onde ele nasceu e onde funcionava o Clube Redondinho.
A filmagem e gravação da entrevista foram realizadas pelo senhor Alvino Rodrigues em uma câmera digital.
O roteiro da entrevista foi lido previamente para o entrevisto e sua filha Ana Raquel Sousa que esteve presente no momento.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Meu nome é Francisca das Chagas Viana, sou mestranda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri – Campus Juazeiro do Norte (Ceará).
O título do meu trabalho é **PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA (PIAUÍ)**: a importância da informação histórica na construção de um legado.
Agradeço sua colaboração em conceder essa entrevista que muito enriquecerá o trabalho.

1) Identificação:
Qual seu nome completo?

Data de nascimento:

Onde o senhor nasceu?

2) Como era Paulistana antigamente? O que o senhor lembra?

3) E sobre a história da cidade, o que a senhor sabe?

4) Como os jovens faziam para se divertir na cidade?.

Obrigada!

Apêndice H – Roteiro de visitas realizadas na residência do Pe. Otto Beckmann –

DIÁRIO DE CAMPO

DIÁRIO DE CAMPO

ROTEIRO DE VISITA À RESIDÊNCIA DE PADRE OTTO BECKMAN

Visitei a residência do Padre Otto Beckman por 4 vezes, a primeira delas em 14 de setembro onde identifiquei-me e falei do projeto, conversei com a Srª Maria Acelina Batista que é responsável por ele. Ela concordou em contribuir com a pesquisa localizando álbuns de fotografias do mesmo e disponibilizando para nossa pesquisa. Nessa data agendamos uma segunda visita para dia 20/09/2017 às 18:00.

Durante a segunda visita verifiquei alguns documentos e álbuns do acervo do Padre. Identifiquei 5 (cinco) álbuns com fotos e materiais jornalísticas que retratavam a vida religiosa do padre no Brasil. Muitos documentos encontram-se em alemão o que exigiria uma tradução. Essa etapa foi para selecionar dentro desses álbuns fotografias relativas à Paulistana.

A terceira visita dia 21/09/2017 separei as fotografias que traziam o texto referente a Paulistana em língua portuguesa, identifiquei cada álbum com a numeração de 1 a 5. Mesmo as imagens da cidade ou de eventos com texto em alemão foram identificadas. As fotografias selecionadas foram encaminhadas para digitalização.

A quarta visita em 25/09/2017 foi apenas para a entrega do material coletado e dos documentos que autorizaram a reprodução.

Apêndice I – Termo de Autorização para Reprodução de documentos – Pe. Otto Beckmann

TERMO DE DOAÇÃO E/OU AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DOCUMENTOS

Eu, Maria Adelina Batista,
nacionalidade _____, estado civil _____,
CPF _____,
RG _____ residente _____,

por meio desse documento e por livre espontânea vontade, autorizo a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer uso de fotografias e outros documentos do meu arquivo pessoal ou de pessoa na qual sou responsável, para FINS DIDÁTICOS DE PESQUISA que terá como produto o acervo "Memórias de Paulistana" a ser organizado na Biblioteca do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Paulistana. A doação desses documentos ou autorização para digitalização ou outro tipo de reprodução é concedida a título gratuito. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, responsabilidades e benefícios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos de imagem e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Maria Adelina Batista

Paulistana (PI), 13 de Novembro de 2017.

Apêndice J – Termo de Doação e/ou Autorização para reprodução de documentos

Osvaldiria Doréa Cavalcante

TERMO DE DOAÇÃO E/OU AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DOCUMENTOS

Eu Osvaldíria Doréa Cavalcante,
nacionalidade _____, estado civil _____,
CPF _____
RG _____ residente _____
_____,
por meio desse documento e por livre espontânea vontade, autorizo a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer uso de fotografias e outros documentos do meu arquivo pessoal ou de pessoa na qual sou responsável, para FINS DIDÁTICOS DE PESQUISA que terá como produto o acervo "Memórias de Paulistana" a ser organizado na Biblioteca do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Paulistana. A doação desses documentos ou autorização para digitalização ou outro tipo de reprodução é concedida a título gratuito. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, responsabilidades e benefícios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos de imagem e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Osvaldíria Doréa Cavalcante

Paulistana (PI), 09 de Novembro de 2017.

Apêndice L - Roteiro de visitas - Maria do Socorro Coelho

DIÁRIO DE CAMPO

ROTEIRO DE VISITAS

Dia: 30/10/2017

As 8;40 em visita à Secretaria Municipal de Educação de Paulistana conversei com a Sr. Raqueline Reis sobre a pesquisa, ela me repassou email institucional para a solicitação das informações e materiais que desejava e em seguida ela faria um levantamento e me daria um retorno.

Nessa visita tive a oportunidade de falar com a Senhora Marta Coelho, também servidora da secretaria que me orientou a conversar com sua mãe, pois a mesma teria informações e fotografias sobre as escolas antigas da cidade. Marta me repassou o endereço e em seguida dirigi-me a casa da senhora Socorro Coelho.

Dia: 30/10/2017

As 9:10 realizei a visita a dona Socorro Coelho, apresentando documentos da pesquisa e explicando o objetivo da visita. Tivemos uma conversa prévia onde ela relatou alguns fatos da cidade e da educação na qual pode participar como aluna e gestora de escola.

Dia: 08/11/2017

Às 9:00 realizei uma nova visita à casa de D. Socorro Coelho. Durante essa visita coletei fotografias separadas e listadas por ela. Nesse momento foram assinados os documentos (oficio de apresentação, Termo de Autorização e Folha com descrição do material coletado)

Nesse mesmo dia agendamos a entrevista para o 12/11/2017 pela manhã no horário de 9:00.

Roteiro de visita dia 09/11/2017

Às 8:30 retornei à casa de D. Osvaldira para receber os documentos que deixei anteriormente para ela assinar.

Apêndice M – Termo de Livre Consentimento Esclarecido – Maria do Socorro Coelho

2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu MARIA DO SOCORRO COELHO, nacionalidade_____, estado civil_____, portador do RG _____ e CPF sob nº_____ residente _____, AUTORIZO a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer investigações cientificas e divulgar imagens da pessoa acima citada em todo e qualquer material entre, filmagens, gravação de voz, fotos e documentos de forma escrita em livros, artigos, etc. ou midia visual em fotos e filmes para FINS DIDÁTICOS de PESQUISA. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e no exterior. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos beneficios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, concordo em dele participar e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Maria do Socorro Coelho

Paulistana, 30 de outubro de 2017

Apêndice N – Roteiro de Entrevista – Maria do Socorro Coelho

DIARIO DE CAMPO

Paulistana (Piauí) 12/11/2017
Entrevista realizada com Srª Maria do Socorro Coelho
Horário: 9:00
Local: Residência da entrevistada
A filmagem e gravação da entrevista foram realizadas pela pesquisadora em seu aparelho de celular.
O roteiro da entrevista foi lido previamente à entrevistada e sua filha Marta Coelho esteve durante parte do trabalho.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Meu nome é Francisca das Chagas Viana, sou mestranda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri – Campus Juazeiro do Norte (Ceará).
O título do meu trabalho é **PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA (PIAUÍ)**: a importância da informação histórica na construção de um legado.
Agradeço sua colaboração em conceder essa entrevista que muito enriquecerá o trabalho.

1) Identificação:

Qual seu nome completo?

Data de nascimento:

Onde a senhora nasceu?

2) O que a senhora sabe sobre a história de Paulistana?

3) Qual sua relação com a educação da cidade de Paulistana?

Obrigada!

Apêndice O- Termo de Livre Consentimento Esclarecido – Renato Luís Bandeira

2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu RENATO LUIS SAPUCAIA BANDEIRA, nacionalidade estado civil , portador do RG e CPF sob nº residente á Rua AUTORIZO a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer investigações cientificas e divulgar imagens da pessoa acima citada em todo e qualquer material entre, filmagens, gravação de voz, fotos e documentos de forma escrita em livros, artigos, etc. ou mídia visual em fotos e filmes para FINS DIDÁTICOS de PESQUISA. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e no exterior. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, concordo em dele participar e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Paulistana, 25 de agosto de 2017

Apêndice P – Roteiro de entrevista – Renato Luís Bandeira

DIARIO DE CAMPO

Paulistana (Piauí): 24/11/2017
Entrevista realizada com Sr. Renato Luis Sapucaia Bandeira
Horário: 9:00
Local: Residência da família --- Paulistana
A filmagem e gravação da entrevista foram realizadas pela pesquisadora em seu aparelho celular.
O roteiro da entrevista foi enviado previamente ao entrevistado por email pois o mesmo reside na Bahia.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Meu nome é Francisca das Chagas Viana, sou mestranda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri – Campus Juazeiro do Norte (Ceará).

O título do meu trabalho é **PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA (PIAUÍ)**: a importância da informação histórica na construção de um legado.

Agradeço sua colaboração em conceder essa entrevista que muito enriquecerá o trabalho.

1) Identificação:
Qual seu nome completo?

Data de nascimento:

Onde o senhor nasceu?

2) Porque escrever sobre Paulistana?

3) Poderia falar um pouco sobre o que descobriu sobre a história da cidade durante a pesquisa para a construção do seu livro *Fragmentos Históricos de Paulistana – Piauí?*

Obrigada!

Apêndice Q – Termo de doação e/ou autorização para uso de documentos - Renato Luìs Sapucaia Bandeira

TERMO DE DOAÇÃO E/OU AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DOCUMENTOS

Eu, RENATO LUÍS SAPUCAIA BANDEIRA,
nacionalidade_____, estado civil_____,
CPF_____,
RG_____residente_____
_____,
por meio desse documento e por livre espontânea vontade, autorizo a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer uso de fotografias e outros documentos do meu arquivo pessoal ou de pessoa na qual sou responsável, para FINS DIDÁTICOS DE PESQUISA que terá como produto o acervo "Memórias de Paulistana" a ser organizado na Biblioteca do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Paulistana. A doação desses documentos ou autorização para digitalização ou outro tipo de reprodução é concedida a título gratuito. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, responsabilidades e benefícios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos de imagem e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

RLBandeira

Paulistana (PI), 25 de Novembro de 2017.

Apêndice R – Termo de autorização para Reprodução – Sr. Rainilson Cosme da Silva Feitosa Sampaio

TERMO DE DOAÇÃO E/OU AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DOCUMENTOS

Eu, RAINILSON COSME DA SILVA FEITOSA SAMPAIO, nacionalidade: BRASILEIRA, estado civil: CASADO, CPF: 008.688.194-92, RG: 1.607.491-SSP-RN, residente: RUA SENADOR CÂNDIDO FERRAZ , 45, ESTAÇÃO, 64.750-000, PAULISTANA-PI, por meio desse documento e por livre espontânea vontade, autorizo a pesquisadora Francisca das Chagas Viana a fazer uso de fotografias e outros documentos do meu arquivo pessoal ou de pessoa na qual sou responsável, para FINS DIDÁTICOS DE PESQUISA que terá como produto o acervo "Memórias de Paulistana" a ser organizado na Biblioteca do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Paulistana. A doação desses documentos ou autorização para digitalização ou outro tipo de reprodução é concedida a título gratuito. Por essa ser a expressão da minha vontade e tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado e estando consciente dos meus direitos, responsabilidades e benefícios que a minha participação implicam, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos de imagem e para isso assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma e DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Rainilson Cosme da Silva Feitosa Sampaio

RAINILSON COSME DA SILVA FEITOSA SAMPAIO

008.688.194-92

Paulistana (PI), 04 de dezembro de 2017.

Apêndice S – Ofício de apresentação

Universidade Federal do Cariri
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Curso de Biblioteconomia
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

Juazeiro do Norte, outubro 2017

Prezado(a) Senhor(a)

Por meio deste apresentamos a discente, Francisca das Chagas Viana, do Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, devidamente matriculada nesta Instituição de ensino, que está realizando pesquisa objeto de estudo do seu trabalho intitulado MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA: a importância da informação histórica na construção de um legado (título provisório).

Na oportunidade, solicitamos autorização para que realize a pesquisa através de entrevista e/ou coleta de documentos, com o responsável pela Instituição.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta futura profissional.

Atenciosamente,

Ariluci Goes Elliott

Profa. Dra. Ariluci Goes Elliott
Orientadora

Apêndice T – Solicitação de Autorização

1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA

Solicitação de Autorização

O (a) senhor(a) está sendo convido(a) a participar da pesquisa objeto de estudo do mestrado intitulado MEMÓRIA DA CIDADE DE PAULISTANA: a importância da informação histórica na construção de um legado (título provisório), da pesquisadora Francisca das Chagas Viana, aluna do Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri – PPGB, sob a orientação da professora Dra. Ariluci Goes Elliott.

O estudo se destina a contribuir para que as memórias da cidade de Paulistana sejam registradas também por meio de entrevistas gravadas e filmadas, para a produção de um documentário e utilizaremos trechos de falas no trabalho escrito.

Por meio desse trabalho objetivamos: Registrar a história da cidade de Paulistana por meio da história oral no que se inclui a memória dessa pessoa, aliada a documentos coletados em campo (livros, fotografias, documentos de arquivo) para a formação de um acervo histórico denominado "**Memórias de Paulistana**", a ser organizado na Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI onde a pesquisadora atua como bibliotecária. Também pretende-se a partir dessas e outras informações trabalhar a preservação da memória da cidade e disseminar a informação para moradores e pesquisadores.

Francisca das Chagas Viana
Mestranda em Biblioteconomia – UFCA
Bibliotecária- Documentalista
IFPI – Campus Paulistana
CRB3 – 1107

Paulistana, 25 de agosto de 2017.

Apêndice U – Texto da pesquisadora para o documentário

A memória da cidade de Paulistana é uma construção coletiva de mãos de desbravadores e de todos os que na cidade construíram suas casas, seus prédios e seus sonhos. Memórias que permanecem sob os escombros do patrimônio que não foi tombado, das imagens não registradas, das histórias contadas e das silenciadas.

O espaço físico e a representação simbólica da cidade de Paulistana, o nascedouro que é o Bairro da Correnteza é formado por histórias que se espalham pelo centro da cidade, por seus bairros e comunidades quilombolas que a circundam.

Essa memória é coletiva, plural, complexa, múltipla e composta por várias histórias e sobrenomes quer sejam: Coelho, Damasceno, Silva, Rodrigues, Batista, Castro, Cavalcante, Costa, Souza, Cruz, Barbosa, Pereira e tantos outros.

Francisca das Chagas Viana

ANEXOS

Anexo A – Relatório estatístico das escolas públicas de Paulistana

ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULISTANA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

PAULISTANA - PI

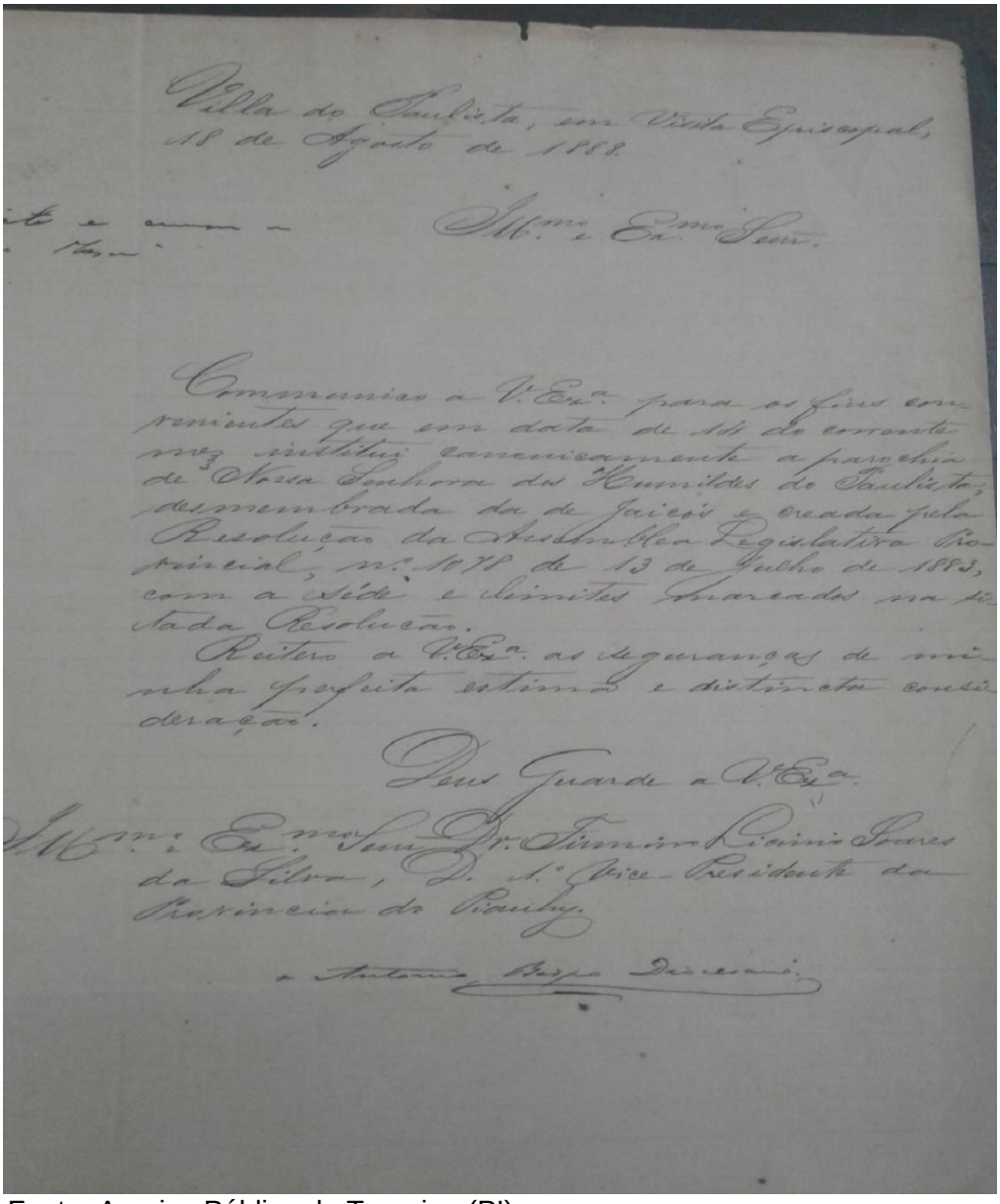
DADOS 2017

UNIDADES ESCOLARES	ALUNOS					
	CRECHE	PRÉ-ESCOLA	E.FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS	E.FUNDAMENTAL ANOS FINAIS	EJA	TOTAL
ESCOLAS DA ZONA RURAL	121	237	904	568	314	2144
ESCOLAS DA ZONA URBANA	299	249	945	745	274	2512
TOTAL GERAL:	420	486	1849	1313	588	4.656

	ESCOLA	LOCALIDADE/SEDE
01	Unidade Escolar Antonio José da Cruz	Itaizinho
02	Unidade Escolar Bela Vista	cidade
03	Unidade Escolar do Hermínio Rodrigues	cidade
04	Unidade Escolar Domingos Sávio	cidade
05	Unidade Escolar Euzébio André de Carvalho	Barro Vermelho
06	Unidade Escolar Florentino Martiniano Pereira	São Martinho
07	Unidade Escolar Hildebrando Jorge Rodrigues	Tigre
08	Unidade Escolar Hucênio Coelho Damasceno	Assent. Cachoeira
09	Unidade Escolar Jovino Gomes Ferreira	Batemaré
11	Unidade Escolar Porfírio José Rodrigues	Caraibeira
12	Unidade Escolar Raimunda Teonila de Macedo	Serra Vermelha
13	Unidade Escolar Rosa Mística	cidade
14	Unidade Escolar São Francisco	cidade
15	Unidade Escolar Serafim Ferreira Né	Aroeira
16	Unidade Escolar Vereda do Rancho	Vereda do Rancho
17	Unidade Escolar Volta Grande	Volta Grande
18	Unidade Escolar Frei Henrique Cavalcanti	cidade
19	Creche Mãe Toinha	cidade

Fonte: Raqueline Reis - Secretaria Municipal de Educação de Paulistana

ANEXO B - Manuscrito da visita Episcopal - (18/08/1888)



Villa do Paulista, em Visita Episcopal, 18 de Agosto de 1888.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Communico a V. Ex.a para os fins convenientes que em data de 18 do corrente mez instituí canonicamente a parochia de Nossa Senhora das Humildes do Paulista, desmembrada da de Jaicós e creada pela Resolução da Assembléa Legislativa Provincial, n.º 1078 de 13 de Julho de 1883, com a séde e limites marcados na dita Resolução.

Reitero a V. Ex.a as seguranças de minha perfeita estima e distincta consideração.

Deus Guarde a V. Ex.a

Ill.mo Ex.mo Snr. Dr. Firmino Rodrigues da Silva, D. M. Vice-Presidente da Provincia do Piauhy.

+ Antonio Bispo Diocesano.

Fonte: Arquivo Público de Teresina (PI)

Anexo C – Relatório do Sistema Pergamum - itens cadastrados no Acervo Memórias de Paulistana

Pergamum
Sistema Integrado de Bibliotecas

Instituto Federal do Piaui
Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas
Consulta ao acervo

20152 - AÇUDE Ingazeira - Paulistana (PI). / 19-- (Fotografia)

20157 - CASA do Major Hortêncio Damasceno - Paulistana (PI). / s.d (Fotografia)

20160 - CENTRO Social João XIII - Paulistana (PI). / 1970 (Fotografia)

20154 - CONSTRUÇÃO do Açude Ingazeira (1957) - Paulistana (PI). / 1957 (Fotografia)

20232 - ESCOLA Municipal Domingos Sávio. / 19-- (Fotografia)

20164 - ESTAÇÃO de Paulistana (PI) - 1956. / 2007 (Fotografia)

18071 - BANDEIRA Renato Luís Sapucaia. Famílias ilustres: Paulistana - Piauí: nascidos 1889 - 1931. Salvador: Edição do autor 2015. 207 ISBN 978-85-904294-2-5. Número de chamada: P981.22 B214f 2015 (CP) (Livros)

20149 - FESTA do Reisado em Paulistana (PI). / 19-- (Fotografia)

18424 - BANDEIRA Renato Luís. Fragmentos históricos de Paulistana - Piauí. Salvador: Palmeirense 1991. 127 p. Número de chamada: P981.22 B214f (CP) (Livros)

20110 - IGREJA Matriz Nossa Senhora dos Humildes. Paulistana: 19--. (Fotografia)

20165 - IGREJA Matriz Nossa Senhora dos Humildes - Paulistana (PI). / 2017 (Fotografia)

20156 - IGREJA São Judas Tadeu - Paulistana (PI). / 2017 (Fotografia)

20162 - MATADOURO - Paulistana (PI). / s.d (Fotografia)

20159 - O POVO esperando a chegada do padre. / s.d (Fotografia)

20155 - PAULISTANA (PI) em 1957. / 1957 (Fotografia)

20158 - PAULISTANA (PI) vista do alto. / s.d (Fotografia)

20163 - PRAÇA Valério Coelho - Paulistana (PI). / 2017 (Fotografia)

20153 - QUIOSQUES - Paulistana (PI). / 19-- (Fotografia)

20161 - RÁDIO Ingazeira - Paulistana (PI). / 2017 (Fotografia)

20231 - UNIDADE Escolar Lucinete Santana da Silva. / 19-- (Fotografia)

20151 - USINA de energia - Paulistana (PI). / 19-- (Fotografia)

Total de acervos: 21

10/01/18 15:21 Page 1 of 1

Fonte: http://sardes.ifpi.edu.br:8080/pergamumweb/RelatoriosExibeResultadosListServlet